

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC ANDRÉ MORAES BARROS

A INFLUÊNCIA DO EURASIANISMO NO REPOSICIONAMENTO GEOPOLÍTICO DA
RÚSSIA NO SÉCULO XXI

Rio de Janeiro
2014

CC ANDRÉ MORAES BARROS

A INFLUÊNCIA DO EURASIANISMO NO REPOSICIONAMENTO GEOPOLÍTICO DA
RÚSSIA NO SÉCULO XXI

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Carlos Alexandre Rezende de Sant'Anna.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2014

AGRADECIMENTO

A minha esposa Cinthia, meus filhos, Felipe e Gabriel, e familiares, pelo contínuo apoio durante o período de preparação deste trabalho e à minha formação humana e profissional.

Ao Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1) Leonardo Faria de Mattos, pelo apoio, incentivo e importante ajuda na construção das referências bibliográficas.

Ao Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1) Alceu Oliveira C. Jungstedt, pela amizade, ensinamentos transmitidos e sugestões precisas.

Ao Capitão-de-Fragata Carlos Alexandre Rezende de Sant'Anna, meu orientador, pelas orientações extremamente profissionais, que foram de grande relevância para a confecção deste estudo.

RESUMO

Em março de 2014, a região da Crimeia deixou de pertencer à Ucrânia e foi anexada à Federação Russa. Este acontecimento histórico mostrou que, dentre os fenômenos geopolíticos modernos, o estudo da interação da Rússia com os outros Estados do Sistema Internacional continua sendo um dos mais importantes. Com a extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1991, os governantes russos iniciaram uma tentativa de aproximação com a Europa Ocidental, porém, devido a problemas de cunho econômico, político e estratégico, a união não prosperou. Em 2000, assumiu o governo russo o Presidente Vladimir Putin e, concomitantemente, começou a prevalecer uma linha de pensamento geopolítico contrário à aproximação com o Ocidente, denominada de “Eurasianismo” e tendo como principal propugnador o Cientista Político Alexander Dugin. Para este, a Rússia, com suas características geográficas, históricas e culturais próprias, não pertenceria à Europa e nem à Ásia, e sim, a um subcontinente chamado Eurásia. Por meio de uma pesquisa documental e bibliográfica, chega-se a conclusão que a Política Externa Russa tem sido influenciada pela teoria geopolítica do eurasianismo de Alexander Dugin. Como, por exemplo, a forte reação contra a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte para o leste, a proteção aos russos étnicos fora de suas fronteiras e a busca pela multipolarização nas relações internacionais. Além disso, buscou-se descrever o que é o eurasianismo, como este passou a ser a linha de pensamento geopolítica mais influente na Rússia contemporânea e suas divergências e similaridades com outras teorias geopolíticas de autores consagrados.

Palavras-chave: Alexander Dugin. Eurasianismo. Geopolítica. Multipolaridade. Rússia. Vladimir Putin.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	Figura 1 - Mapa da multipolaridade mundial com quatro zonas meridionais.....	38
2	Figura 2 - Mapa da multipolaridade mundial com seus Grandes Espaços.....	39
3	Figura 3 - O Mundo de Mackinder (1904).....	40
4	Figura 4 - Mapa das quatro Panregiões e seus Estados-Diretores.....	41
5	Figura 5 - Mapa da reação russo-eurasiana contra a unipolaridade.....	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A ASCENSÃO DO PENSAMENTO EURASIANO	8
2.1	Negação do Suporte Econômico na Transição ao Capitalismo.....	8
2.2	Expansionismo da OTAN.....	11
3	O EURASIANISMO DE ALEXANDER DUGIN	16
3.1	O Mundo Multipolar de Alexander Dugin.....	16
3.2	Eurasianismo e Geopolítica Clássica.....	20
4	A APLICAÇÃO DO EURASIANISMO NA POLÍTICA EXTERNA RUSSA	25
5	CONCLUSÃO	33
	REFERÊNCIAS	36
	ANEXOS	38

1 INTRODUÇÃO

Logo após a extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS), em 1991, criou-se um pensamento entre os dirigentes do Ocidente, de que a Rússia, paulatinamente, abraçaria a democracia liberal semelhante ao modelo adotado pelos Estados Unidos da América (EUA) e tornar-se-ia um parceiro econômico e político. Daquele fato histórico até a atualidade, algumas divergências foram mostrando de que a crença na parceria russa não aconteceria de forma tão natural. A crise na Ucrânia, deflagrada em novembro de 2013 e tendo como o desfecho a anexação da península da Crimeia à Federação Russa em março de 2014, diminuiu ainda mais qualquer tipo de esperança.

Os governantes russos que assumiram o poder após o desmembramento da ex-URSS, também possuíam um pensamento parecido, de aproximar-se da Europa, e eram chamados de “Ocidentalizadores”. Porém, essa linha de pensamento perdeu força diante de outra que sugeria a desvinculação do Ocidente e a restauração de tradições mais Orientais. A Rússia com suas características geográficas, históricas e culturais próprias, não pertenceria à Europa e nem à Ásia, e sim, a um subcontinente chamado Eurásia. Tal linha de pensamento geopolítico é conhecida como “Eurasianismo” e tem no Cientista Político Alexander Dugin (1962-) seu maior expoente.

Com a chegada ao poder do Governo de Vladimir Putin, em 2000, o enfrentamento com o Ocidente aumentou. A Rússia iniciou um movimento de reposicionamento geopolítico visando retomar a sua participação como grande ator no cenário internacional. O “Eurasianismo” de Alexander Dugin influenciou as ações de Política Externa Russa a partir do governo do Presidente Putin? É essa a questão que este trabalho tentará responder.

A relevância do tema é a de contribuir para um maior entendimento dos

fenômenos geopolíticos modernos, focado no ressurgimento da Rússia como ator protagonista das relações internacionais.

Para alcançar o propósito, foi realizada pesquisa documental e bibliográfica. A abordagem deste trabalho será dividida em capítulos, com uma introdução e uma conclusão, além de figuras e um anexo que servem para elucidar e simplificar o entendimento do texto pelo leitor.

A introdução, ora em curso, visa apresentar o tema proposto, descrever a estrutura do texto e sua relevância. O capítulo dois apresenta as razões pelas quais a teoria eurásiana suplantou a ocidentalista como linha de pensamento geopolítico preponderante entre os formadores da Política Externa Russa.

O propósito de capítulo três é descrever a teoria do eurasianismo de Alexander Dugin. Apresentando sua busca pela multipolaridade do Sistema Internacional (SI), contrapondo-se à unipolaridade exercida pelos EUA e, também, as semelhanças e divergências de sua teoria em relação à de pensadores geopolíticos clássicos.

O capítulo quatro pretende verificar se ações de Política Externa dos governos russos a partir de Vladimir Putin, indicam a existência de influências causadas pela aplicação das ideias do eurasianismo. No intuito de auxiliar nessa comparação, foi incluído como anexo, o discurso presidencial por ocasião da anexação da Crimeia à Federação Russa.

Por fim, a conclusão possui a finalidade de apresentar uma recapitulação do texto e, as implicações e consequências dos argumentos apresentados nos capítulos anteriores.

2 A ASCENSÃO DO PENSAMENTO EURASIANO

Tudo aconteceu muito rápido: a queda do muro de Berlim em 1989, a reunificação alemã em 1990 e a desintegração da ex-URSS em 1991. Para o espanto e incredulidade dos cientistas políticos e historiadores, esses acontecimentos transcorreram sem os enormes derramamentos de sangue que eram previstos (HUNTINGTON, 1991).

Ainda durante a última década do século XX, havia uma esperança do grupo político que assumiu o poder após a queda da ex-URSS, sob o comando de Boris Yeltsin (1931-2007), na possibilidade de uma real integração à Europa. Eram conhecidos como Internacionalistas Liberais ou “Ocidentalizadores” e pretendiam construir relações fortes com a Europa, unindo-a do Atlântico até os Urais. Não foi isso o que ocorreu.

A fim de estudar os aspectos que levaram a dissociação entre o Ocidente e a Rússia, com a conseqüente prevalência do pensamento eurasiático frente ao ocidentalista, este capítulo tem o propósito de abordar, limitadamente, duas causas: a falta de ajuda econômica na reestruturação da economia russa e a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) sobre as ex-repúblicas soviéticas.

2.1 Negação do Suporte Econômico na Transição ao Capitalismo

A economia russa estava bastante desestruturada no final do ciclo soviético e a “vitória” norte-americana sobre a ex-URSS na Guerra Fria (1947-1991) foi eminentemente econômica. O Primeiro-Ministro Yegor Gaidar (1956-2009) foi escolhido por Boris Yeltsin para implementar uma política econômica reformista e liberal. Neste momento, havia apoio político e popular para as reformas e, também, a integração com a Europa.

Já em janeiro de 1992, adotou-se a supressão repentina do controle de preços.

Com isso a inflação perdeu o controle e o rublo teve o seu valor reduzido a 75%, em um período de apenas quatro meses. Numa segunda onda de reformas, em outubro de 1992, houve uma gigantesca privatização de empresas e imóveis (GREENSPAN, 2007).

Na base de fraudes e arranjos políticos, indústrias inteiras passaram para a mão de um pequeno grupo de indivíduos. Foi assim que se deu a formação dos oligarcas que controlam segmentos econômicos inteiros, inclusive os de energia. São esses mesmos personagens, detentores de grandes fortunas e influência, que formam parte da base política do governo de Vladimir Putin (MAGNOLI, 2006).

O capitalismo na Rússia não surgiu imediatamente após a ruptura da economia de planejamento central. A transição do comunismo para o capitalismo havia sido muito pouco estudada pelos economistas, diferentemente do caminho inverso. Antes do livre mercado surgiu um forte mercado negro, e com ele as máfias.

O surgimento dos oligarcas, das máfias e a falta de apoio externo, solaparam a confiança da população nas reformas liberais e com isso acabaram com a sua credibilidade.

Nenhum Russo, em idade economicamente ativa, lembrava-se do livre mercado, a situação singular fez o economista Alan Greenspan (1926-), ex-presidente do *Federal Reserve Board* (FED), escrever:

Muitos anos se passaram na União Soviética, desde 1917 – quase ninguém se lembrava da propriedade privada ou tinha experiência ou treinamento de primeira mão em negócios. Não havia contadores, auditores ou analistas financeiros, nem mesmo entre os aposentados. Na Europa Oriental, onde o comunismo reinou durante quarenta anos, em vez de oitenta, era possível restaurar o livre mercado; na União Soviética a economia de mercado teria de ressuscitar dos mortos. (GREENSPAN, 2007, p. 132).

Apesar desta constatação, nem os EUA, nem os Estados que compõem a Europa Ocidental, nem os organismos econômicos supranacionais, como o Fundo Monetário

Internacional (FMI) e o Banco Mundial, organizaram qualquer pacote de ajuda financeira à Rússia. Faltou ao Ocidente a sensibilidade de empreender um Plano Marshall¹ às avessas. A Guerra Fria econômica continuava.

O apoio externo só surgiu com a moratória russa, em agosto de 1998, quando o rublo foi desvalorizado e foram suspensos os pagamentos da dívida externa. As empresas russas derrubaram o mercado internacional de ações, contagiando muitas economias em desenvolvimento, como a brasileira (LEITÃO, 2013).

O primeiro governo de Vladimir Putin (2000-2008) esboçou uma continuação nas políticas reformantes, mas aos poucos a economia russa voltou a estatizar-se. Retomando o controle da principal fonte de renda russa que são as receitas das exportações de matérias-primas energéticas como o petróleo e o gás, que voltaram a ser monopólio do Estado. Foram novamente estatizadas empresas como a Gazprom², dominante no ramo de gás natural e a Rosneft³, líder na produção de petróleo.

Fortemente dependente de gás natural proveniente da Rússia, a Europa importa diretamente da empresa Gazprom, 60% do gás natural consumido na Áustria; 35% na Alemanha e 20% na França. Também fornece o produto para outros países como a Ucrânia, Estônia, Lituânia e Finlândia (BANDEIRA, 2013).

A partir da retomada do controle dos produtos energéticos gás e petróleo, Putin inaugura uma nova forma política coercitiva com a Europa Ocidental: a chantagem energética. A primeira utilização dessa estratégia foi o corte do fornecimento de gás natural para a Ucrânia em janeiro de 2006 (MAGNOLI; BARBOSA, 2012). Realizado em pleno

1 O Plano Marshall (1948-1951) consistiu em um plano norte-americano de ajuda econômica para a reconstrução dos países destruídos durante a Segunda Guerra Mundial (IIGM), e que estavam sob a influência do Ocidente. Recebeu o nome do Secretário de Estado dos EUA o General George Marshall (BARBOSA; MAGNOLI, 2013).

2 <http://www.gasprom.com>

3 <http://www.rosneft.com>

inverno europeu, a interrupção afetou diversos Estados da União Europeia (UE), já que após cruzar a Ucrânia o gasoduto segue para outros consumidores europeus.

A causa para o corte, na visão de Moscou, foi a divergência quanto ao aumento do preço, a consequência foi o reestabelecimento da relevância internacional da Rússia. A partir deste momento, o governo, a intelectualidade e a população russa perceberam, definitivamente, a dificuldade da cooperação econômica com a Europa.

2.2 Expansionismo da OTAN

O outro fator que impediu uma integração do novo Estado Russo com o Ocidente foi a política expansionista da OTAN em sua área de influência geopolítica.

Após o desmembramento da ex-URSS, a aliança militar ocidental que havia sido criada no ano de 1949 como o braço armado da Doutrina Truman⁴ (1947), não foi encerrada, pelo contrário, expandiu-se para os países que antes compunham o Pacto de Varsóvia⁵ (1955-1991).

Originalmente, foi a partir de um telegrama, escrito pelo conselheiro americano em Moscou, George Frost Kennan (1904-2005), a motivação para a criação de uma política de contenção e de seu componente de força: a OTAN. O “Mr. X”, codinome utilizado por Kennan, identificou uma tendência expansionista secular nos russos que não estava diretamente ligado ao comunismo, e sim, a necessidade geoestratégica russa de afastar o máximo possível a sua linha de defesa como forma de proteção de seu território. De forma

4 O presidente norte-americano Harry Truman (1884-1972) anunciou em um discurso, perante o Capitólio, em março de 1947, o núcleo da estratégia de contenção da URSS. A Doutrina Truman, como ficou conhecida, transformou a Europa no cenário focal da confrontação global e a URSS, a ameaça a ser combatida (MAGNOLI, 2006).

5 O Pacto de Varsóvia foi uma aliança militar entre os países socialistas do Leste Europeu. Tinha como integrantes a URSS, Alemanha Oriental, Bulgária, Hungria, Polônia, Checoslováquia, Romênia e Albânia.

que os “Estados Tampões”, componentes do Pacto de Varsóvia, formavam a primeira linha de defesa nacional a oeste (MAGNOLI, 2006).

Assim, o conceito da Doutrina Truman, na prática, continuou a existir nas relações entre o Ocidente e a Rússia, numa espécie de segunda Guerra Fria. Em 1999, Polônia, Hungria e República Tcheca incorporaram-se à aliança militar Ocidental. Bulgária, Letônia, Lituânia, Estônia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia em 2004. As últimas aquisições da OTAN ocorreram em 2009 com a integração da Albânia e da Croácia⁶.

Faz-se mister ressaltar, que as incorporações à OTAN não foram impostas aos Estados, os mesmos buscaram a aliança no intuito de afastar futuras influências russas, após o grande período de subordinação soviética (MAGNOLI, 2006).

Atualmente, o seu limite leste encontra-se na fronteira com os países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Moldávia, Geórgia, Ucrânia e Bielorrússia constituem os últimos Estados que separam fisicamente a OTAN do território Russo.

A importância dessa área de proteção na defesa do Estado Russo, também foi verificada em um artigo do Cientista Político George Friedman (1949-), onde expressa a indefensibilidade do território russo frente ao ataque vindo do oeste, através da planície europeia⁷. Tendo como exemplos históricos, as incursões de Cavaleiros Teutônicos (Séc. XIII), passando pela invasão Napoleônica (1812), até o ataque do exército alemão na IIGM (1942).

A maior expansão do “Império Russo” ocorreu durante o período soviético, nos anos de 1945 até 1991. Em contrapartida, após o desmantelamento da ex-URSS, os limites fronteiriços do Estado Russo, retornaram aos mesmos do Século XVII (HOBSBAWM, 1995).

6 <http://www.nato.int>

7 FRIEDMAN, A Geopolítica Russa: uma luta permanente, p. 2.

A inexistência de grandes rios, densas florestas ou cadeias montanhosas permitem o avanço inimigo diretamente até Moscou. Fora o inverno rigoroso, a melhor forma encontrada para se evitar uma invasão é a defesa em profundidade, isto é, quanto mais longe do território Russo iniciar o ataque de forças inimigas, melhor para o provimento da defesa (FRIEDMAN, 2008).

Com a perda do espaço terrestre pertencentes às ex-Repúblicas Soviéticas que tornaram-se independentes, a Rússia passou a ser um Estado com restrito acesso ao oceano aberto. Do lado Ocidental, apenas sobraram os mares Báltico e Negro, que são facilmente estrangulados, respectivamente, pelos estreitos da Jutlândia e dos Dardanelos. Enquanto a Dinamarca e a Turquia permanecerem na OTAN, as forças navais russas sediadas em São Petersburgo, Kaliningrado e Sevastopol correm sérios riscos de serem enclausuradas.

A aproximação da OTAN e, em conjunto, o surgimento de propostas de instalação de bases militares com capacidade de prover escudos antimísseis próximos à fronteira russa, foram usados politicamente por Putin para enterrar de vez o apoio aos ocidentalistas, crescendo a importância da linha de pensamento eurásiana.

A expansão militar, econômica e política do Ocidente sobre suas antigas áreas de influência, criaram um sentimento de derrota à população russa. O Estado Russo foi visto como uma potência derrotada (MAGNOLI, 2006).

Neste contexto, o cientista político Sergei Karaganov (1952-) expressa uma consequência direta dessas ações geopolíticas do Ocidente sobre o orgulho Russo: “Esta política foi responsável por engendrar uma espécie de Síndrome de Weimar⁸ numa grande

8 A República de Weimar (1919-1933) foi estabelecida na Alemanha após a derrota na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O Tratado de Versalhes estipulou perda de territórios e indenizações pesadas aos países do Eixo. A Síndrome de Weimar advém desse tratamento humilhante aos derrotados e é considerada uma das causas da ascensão do nazismo na Alemanha (HOBSBAWM, 1995).

nação, cuja dignidade e interesses foram pisoteados⁹”.

Na visão dos governantes russos, a desilusão com o Ocidente é o resultado de um mundo pós-Guerra Fria, onde os EUA e seus aliados continuaram a exigir despojos de guerra no Leste Europeu. Além de não respeitarem os legítimos interesses da Federação Russa na Eurásia, ameaçando sua segurança geoestratégica e integridade territorial, tornando vulneráveis suas fronteiras ocidentais, mediante a expansão da OTAN (BANDEIRA, 2011).

Contudo a expansão da OTAN atingiu um limite a partir do qual o Estado Russo reagiu de forma mais contundente. As tentativas de inclusão da Geórgia e da Ucrânia foram, e continuam sendo, firmemente combatidas. A Rússia tentará fazer com que seja bastante custoso para o Ocidente estender sua esfera de influência nas regiões em que Moscou considera vital para a sua segurança estratégica. Era só uma questão de tempo antes que a Rússia reagisse ao seu cerco.

O surgimento do eurasianismo está ligado à vontade de contrapor-se à linha de pensamento ocidentalista, capitaneada pelo Presidente Yeltsin, que foi a linha condutora da política externa russa durante a última década do século passado (SANTOS, 2008).

Dugin (2012) culpa os ocidentalistas de permitirem a desintegração da ex-URSS, da conseqüente diminuição da influência política russa e das humilhações sofridas pelo seu povo. Além disso, credita ao governo de Mikhail Gorbachev (1985-1991) a oportunidade dada aos EUA para redefinirem o quadro geopolítico mundial criando uma “Nova Ordem Mundial Unipolar”.

Assim, conclui-se parcialmente que, dentre outros fatores não incluídos no escopo deste trabalho, a falta de apoio econômico ocidental na transformação do comunismo para o capitalismo e a expansão político-militar exercida pela OTAN foram pontos importantes para

9 KARAGANOV, 2014, p. 1, tradução nossa. Texto original em inglês.

o surgimento de um sentimento de desilusão dos governantes e do povo Russo quanto à possibilidade de real aproximação com o Ocidente.

Uma consequência dessa desilusão foi o surgimento da oportunidade de ascensão de uma linha de pensamento conhecida como eurasianismo, que tem na pessoa de Alexander Dugin o seu maior representante. A descrição da teoria geopolítica do eurasianismo será abordada no próximo capítulo.

3 O EURASIANISMO DE ALEXANDER DUGIN

No começo de 2001, o Cientista Político Alexander Dugin, nascido em Moscou e proveniente de família militar, saiu do anonimato e tornou-se uma personalidade política conhecida na Rússia. A sua notoriedade surgiu, grandemente, devido à fundação do Movimento Político e Social “Eurásia” que pregava a primazia do Estado frente ao indivíduo e a desvinculação da Rússia ao Ocidente.

Dugin (2012) considera-se um nacionalista, um cristão ortodoxo praticante e um intelectual, cujo pensamento não distingue as paisagens russas, de sua história, tradição e religião própria.

No intuito de facilitar a compreensão das características presentes na teoria geopolítica de Alexander Dugin, propósito deste capítulo, faremos sua divisão em seus dois pilares de construção: o retorno à multipolaridade do SI e o conflito perpétuo entre os “Atlantistas” representados pelos EUA e aliados Ocidentais e os “Eurasianistas” representados pela Rússia, Alemanha e China, entre outros.

3.1 O Mundo Multipolar de Alexander Dugin

O eurasianismo, como é conhecida sua teoria geopolítica, mistura conceitos da geopolítica clássica, sob um ponto de vista exclusivamente Russo, aliado a conceitos fortemente ideológicos. A referida linha de pensamento tem como base a definição de que o Estado Russo, devido as suas características geográficas, históricas e culturais, não pertence à Europa e nem à Ásia e, sim, a um subcontinente chamado Eurásia (DUGIN; CARVALHO, 2102).

O próprio pensador Russo define o eurasianismo como sendo:

Uma visão do mundo, um projeto geopolítico, uma teoria econômica, um movimento espiritual, um núcleo destinado a consolidar um amplo espectro de forças políticas [...] para a salvação da Rússia enquanto realidade política autônoma e independente (DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 14).

A geopolítica para Alexander Dugin possui tanto um sentido clássico e acadêmico, definido pela primeira vez por Rudolf Kjellén¹⁰, quanto um sentido sagrado da representação geográfica das civilizações.

Considera-a, também, como sendo uma ciência e utiliza muitos conceitos dos pensadores geopolíticos clássicos, em alguns casos concordando e, em outros discordando. Isto porque, utiliza uma ótica estritamente russa.

A nova configuração da política internacional com o fim da bipolaridade, chamada por Dugin de a “Nova Ordem Mundial Unipolar”, foi melhor definida, de acordo com o pensador Russo, com a utopia política do “Fim da História” de Francis Fukuyama¹¹, que prega abertamente a hegemonia global dos EUA e seus aliados ocidentais, desconsiderando qualquer outro polo de poder. Estabelecendo, assim, a unipolaridade nas relações internacionais.

Na concepção de Dugin (2012), o mundo atual é unipolar, tendo como o seu centro o Ocidente e tendo os EUA como seu coração. Washington esforça-se para organizar o equilíbrio de forças no SI de tal forma que permita controlar o mundo de acordo com seus interesses nacionais e imperialistas.

A arma mais forte usada pelo Ocidente para manter a unipolaridade é a globalização, que constrói um sistema governamental planetário como um único sistema

10 O jurista sueco Rudolf Kjellén (1864-1924) definiu geopolítica como sendo, “a ciência que estuda o Estado como organismo geográfico”. Considerado o inventor do termo “Geopolítica”, utilizando-o pela primeira vez em um artigo publicado em 1905 na Suécia. (VESENTINI, 2012).

11 O cientista político Francis Fukuyama (1952-) escreveu, em outubro de 1989, um artigo chamado “O Fim da História?”, onde decreta o fracasso do marxismo-leninismo e declara que o último estágio do modelo societário da humanidade seria a democracia liberal, liderada pelos EUA (VESENTINI, 2012).

econômico-administrativo. A globalização tenta aglutinar diferentes estruturas sociais, políticas, étnicas, religiosas e nacionais em um único padrão ocidental (DUGIN, 2006).

O eurasianismo é apresentado, por Alexander Dugin, como uma alternativa à globalização. A ideia eurásiana não vê a criação de um governo mundial com base em valores da democracia liberal como o único caminho para a humanidade.

Assim, a concepção de sua teoria geopolítica consiste na divisão do globo em quatro zonas meridionais, onde seriam criadas “Confederações de Estados¹²”. Permitindo a formação de um mundo multipolar com quatro polos: Zona Anglo-Americana, Zona Euro-Africana, Zona Pan-Eurásiana e Zona Oriental.

A figura 1 apresenta a divisão geopolítica do globo, através da ótica do eurasianismo de Alexandre Dugin.

Cada zona meridional no projeto eurásiano seria dividida no sentido horizontal por “Grandes Espaços ou Impérios Democráticos”. Cada um desses Grandes Espaços possuiria certa independência e autonomia frente aos outros da mesma zona meridional, porém estariam estrategicamente integrados.

A figura 2 mostra a divisão das quatro zonas meridionais nos seus respectivos “Grandes Espaços”.

Dugin (2012) apresenta sua teoria geopolítica como um projeto que pressupõe a criação de diferentes entidades políticas, estratégicas e econômicas transnacionais unidas pela comunidade da civilização e de seus principais valores, ora religiosos, ora seculares ou culturais. A palavra-chave é “multipolaridade” em todos os sentidos – geopolítico, cultural, axiológico e econômico.

12 As Confederações consistem numa união permanente de Estados independentes que resulta de um pacto ou acordo internacional e é dotada de órgãos permanentes com o objetivo principal de assegurar a proteção externa e a paz interna (DIAS, 2011).

Os blocos seriam formados por Estados integrados em “Confederações de Estados ou Uniões”. Um exemplo concreto dessa concepção eurásiana é a União Europeia que serve de modelo para a construção de novos blocos em outros Grandes Espaços.

Algumas Uniões já estão sendo formadas, como a União Eurásiana (composta pela Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão), União Africana e a União dos Países Sul-americanos (UNASUL). Outros, no futuro, formar-se-iam como: União Islâmica, União Chinesa, União Japonesa, União Indiana, União do Pacífico Sul, etc.

Contudo é importante ressaltar que há uma grande diferença no conceito de soberania das “Confederações de Estados” existentes na atualidade para a concebida pelo eurásianismo.

Dentro dos “Grandes Espaços ou Impérios Democráticos”, o conceito de soberania no plano da relação entre os Estados, definida com base nas contribuições de Hugo Grocio¹³ (1583-1645) e um dos pilares para o surgimento dos Estados Modernos desde o Tratado de Vestfália¹⁴ de 1648, seria relativizado.

Na concepção de Dugin (2012) a perda relativa de soberania dos Estados, traria uma maior segurança coletiva, pois haveria uma diminuição dos conflitos internos e um maior desenvolvimento econômico. Além disso, os Estados teriam um maior poder político internacional, já que seriam representados por blocos, facilitando, assim, a implementação da multipolaridade.

Outra característica importante do conceito atual de Confederação é o direito de

13 O jurista Holandês Hugo Grocio (1583-1645) expôs seu pensamento político em obras de grande difusão e influência como: *De Jure belli ac pacis* (1625) e *mare liberum* (1609) . O principal mérito de Grocio foi ter criado um sistema de direitos e obrigações jurídicas que são aplicáveis às relações entre os Estados. O Estado tornou-se soberano na comunidade dos povos e unidade básica do Sistema Internacional (DIAS, 2011).

14 O Tratado de Vestfália, assinado em 1648, no encerramento da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), marcou a ascensão e afirmação do Estado Moderno, definindo os seus principais pilares e características. Neste Tratado, foram definidos como princípios básicos a soberania política dentro de um determinado território e o reconhecimento dos demais Estados para fazer valer esta soberania (PECEQUILO, 2010).

secessão, isto é, a capacidade dos Estados de denunciarem ao tratado e retirarem-se da Confederação mantendo intacta a sua soberania (BONAVIDES, 2006). A interpretação deste direito dentro dos “Grandes Espaços” não foi abordada pela teoria eurásiana de Dugin.

Assim, nesse projeto de multipolaridade, o Grande Espaço Norte-americano seria considerado como um dos vários polos de poder no Sistema Internacional. Os EUA continuariam sendo uma grande potência, não em escala global, mas apenas em escala regional.

Concluimos parcialmente, que Alexander Dugin acredita no eurásianismo, não só como um projeto geopolítico, mas como uma ferramenta de política externa. A seguir são apresentadas as similaridades e diferenças entre sua teoria e a de pensadores geopolíticos consagrados.

3.2 Eurasianismo e Geopolítica Clássica

A outra face importante da teoria geopolítica de Alexander Dugin é o conflito entre o “Atlantismo”, composto por Estados com grande capacidade de controlar os oceanos, como os EUA e Inglaterra, versus os “Eurasianistas”, representados por Estados centrados no Poder Terrestre como Rússia, Alemanha e França.

Podemos associar, de forma clara, o aspecto citado com as concepções geopolíticas do geógrafo inglês Sir Halford Mackinder (1861-1947) e de seu principal seguidor o General alemão Karl Von Haushofer (1869-1946).

A grande diferença entre essas teorias geopolíticas está no ponto de vista do observador. Mackinder construiu sua teoria pela ótica da Grã-Bretanha, que é um Estado insular ou “Atlantista”, Haushofer pelo prisma alemão e Dugin adaptou-as para a Rússia, um

Estado terrestre com poucas saídas para o mar.

Cabem aqui, breves explicações sobre a teoria geopolítica de Mackinder e Haushofer de forma a permitir uma comparação com o eurasianismo.

Em 1904, Mackinder apresentou à *Royal Geographic Society*¹⁵, a tese de que a geografia é o “Pivô da História” e quem dominasse uma determinada região geoestratégica possuiria, naturalmente, uma posição mais vantajosa para expandir seu poder. A geografia seria um fator determinante à iniciativa humana, favorecendo umas ações e dificultando outras (VESENTINI, 2011).

Em sua teoria, o mundo foi dividido em espaços hierarquizados com valores intrínsecos e permanentes de poder. Chamou de “Ilha Mundial” os continentes da África, Europa e Ásia. Dentro dela haveria uma área central básica, denominada “Área Pivô”, que coincide geograficamente com a Eurásia de Dugin. Finalmente, inserido nessa última, haveria o “*Heartland*”, região geoestratégica do mundo, cuja posse conduz a hegemonia mundial (VESENTINI, 2011).

A massa terrestre que circunda a “Área Pivô” foi denominada “Crescente Interior”. Essa região historicamente sofreu as ameaças provenientes dos povos oriundos da região pivotal, por isso, direcionam seus interesses rumo ao mar em busca de alianças.

Por último, o restante das terras emersas, que estão descoladas ou afastadas, receberam o nome de “Crescente Exterior”, como a Grã-Bretanha, as Américas, África Subsaariana, Japão, Sudeste Asiático e Oceania.

O conflito entre o Poder Terrestre contra o Poder Marítimo, na teoria mackinderiana, transcorre na tentativa da região pivotal de expandir-se para as águas quentes do “Crescente Interior”, enquanto os Estados do “Crescente Exterior” buscam impedir a

15 <http://www.rgs.org>

conquista desse objetivo (VESENTINI, 2011).

A Figura 3 apresenta essa representação do globo na visão geopolítica de Halford Mackinder.

O temor de Mackinder era uma aliança entre a Rússia e a Alemanha. As duas potências europeias juntas iriam controlar o “*Heartland*”, o que acarretaria na concretização no mundo real de sua teoria, levando o Império Britânico a uma posição de inferioridade (DUGIN, 2012).

O perigo residia no somatório do grande poderio terrestre alemão e Russo, com o incremento do um poder marítimo dominante, e que essa conjunção de poderes redundaria na formação de um “Império Mundial”. No trecho abaixo de sua obra “*The Geographical Pivot of History*”, Mackinder deixa bem claro sua preocupação:

O desequilíbrio da balança de poder em favor do Estado pivotal, resultando na sua expansão sobre as terras marginais da Euro-Ásia, permitiria o uso de vastos recursos continentais para a construção de uma frota marítima, e então o Império Mundial estaria à vista (MACKINDER *apud* DUGIN, 2012, p. 224).

Não por coincidência, a mencionada aliança foi sugerida por Haushofer quando a Alemanha enfrentou a Grã-Bretanha na IIGM e, atualmente, é apregoada pelo eurasianismo de Alexander Dugin para contrapor-se ao “Atlantismo” norte-americano e de seus aliados.

O geopolítico alemão também tinha dividido o globo em quatro zonas meridionais, chamando-as de Panregiões. A figura 4 mostra o mapa representativo de como Karl Haushofer dividiu o globo em zonas de influência. Comparando-a com a figura 1, percebe-se que a divisão geopolítica do mundo feitas por Dugin e Haushofer são praticamente idênticas. A diferença consiste na inexistência de Estados-Diretores na concepção do eurasianismo. Ao invés disso, dentro de cada zona meridional, existe uma nova divisão no sentido longitudinal formando os “Grandes Espaços”.

A ideia de Autarquia, questão importante para Haushofer, seria a busca pela

autossuficiência dentro das Panregiões. Dugin propõe para atingir o mesmo propósito, a formação de alianças comerciais como Moscou-Berlim-Paris, Moscou-Pequim e Moscou-Teerã (DUGIN, 2006).

As alianças, denominadas como “Vetores Estratégicos”, são iniciadas com os vizinhos adjacentes, pertencentes ao seu entorno estratégico, continuam expandindo-se aos Estados integrantes do “Grande Espaço Russo-eurasiano” e chegam até Estados mais afastados na Ásia, Europa e América Latina (DUGIN, 2006).

A figura 5 apresenta os “Vetores Estratégicos”, idealizados por Alexander Dugin, que representam as alianças necessárias a serem construídas pela Rússia, a fim de contrapor-se à unipolaridade Atlantista.

O último ponto importante que unem suas teorias é a questão das fronteiras. Tanto para Haushofer quanto para Dugin, as fronteiras atuais dos Estados são apenas delimitações temporárias e podem ser alteradas de acordo com a expansão dos mesmos.

Os dois geopolíticos obtiveram essa percepção de outro teórico geopolítico importante chamado Friedrich Ratzel¹⁶ (1844-1904), onde em sua obra “Leis do Crescimento Territorial dos Estados”, lançou as leis do expansionismo. Entre elas, uma referente à mobilidade das fronteiras: “A fronteira é o órgão periférico do Estado e, como tal, prova do crescimento, da força e das mudanças desse organismo” (MATTOS, 2002, p. 19).

Dugin (2012) não vê as atuais fronteiras do Estado Russo como sendo os limites naturais ou justos. Para alterar a situação propõe algo parecido a um “Destino Manifesto Russo” que é uma correlação direta ao conhecido Destino Manifesto norte-americano, pois, da mesma forma, prega que a Rússia possui uma missão mística de governar os povos

16 Friedrich Ratzel (1844-1904) foi um etnólogo e geógrafo alemão, considerado um dos principais teóricos clássicos da Geografia e o precursor da Geopolítica. Para Ratzel, o Estado era um organismo vivo. Conceituou o *Lebensraum* (Espaço Vital) como sendo o espaço necessário à completa realização de um povo (MATTOS, 2002).

considerados como pertencentes ao seu entorno de influência histórica.

Os povos de origem eslava e de religião ortodoxa seriam os líderes natos de toda aquela vasta região e devem comandar o destino dos outros povos que ali estão inseridos (DUGIN; CARVALHO, 2012).

E em virtude dessa crença, acredita que a situação atual das fronteiras russas é consequência apenas de uma transição histórica, em um período de tempo limitado, e que a sua expansão é inevitável.

A proteção da civilização eurásiana, quanto a sua história, língua, tradições e religião, devem ser continuamente buscadas dentro e fora da Federação Russa. A população residente fora dos limites fronteiriços, mas dentro da área de influência, formam uma espécie de “Quinta-Coluna”¹⁷ para a expansão dos interesses russos (DUGIN; CARVALHO, 2012).

Existem mais correlações entre a teoria eurásiana e a de outros pensadores consagrados, no intuito de não fugir ao propósito desse trabalho monográfico, elas não serão aprofundadas. Apenas como exemplo, pode-se citar a relação com a teoria do Cientista Político Samuel P. Huntington¹⁸ (1927-2008) no tocante ao entendimento da existência de civilizações e suas interações e com Zbigniew Brzezinski¹⁹ (1928-) na importância da Eurásia como a “Chave Geopolítica” do poder mundial.

As comparações entre a teoria de Alexander Dugin e de geopolíticos clássicos,

17 Quinta-coluna é uma expressão criada durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) para designar os que, dentro de Madrid, apoiavam as quatro colunas rebeldes que marchavam contra esta cidade. População que atua sub-repticiamente num país em guerra ou em via de entrar em guerra com outro, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda subversiva (FERREIRA, 2009).

18 Samuel P. Huntington (1927-2008) foi Diretor do Instituto de Estudos Estratégicos de Harvard e escreveu importantes obras no ramo da Ciência Política, entre elas, lançou em 1996 o livro “O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial”. A ideia fundamental deste livro é que no mundo pós-Guerra Fria, os conflitos não seriam mais ideológicos ou econômicos, mas fundamentalmente culturais (VESENTINI, 2011).

19 Zbigniew Brzezinski foi assessor para assuntos de segurança nacional no governo do presidente norte-americano Jimmy Carter (1977-1981). Considerado um geoestrategista realista, propõe uma estratégia para a atuação dos EUA na Eurásia, a qual considera o centro do poder mundial. A Eurásia continuaria sendo a “Chave Geopolítica”, a região pivotal do poder no âmbito global (VESENTINI, 2011).

principalmente, Mackinder e Haushofer, mostram que o eurasionismo é uma interpretação muito particular, por um prisma Russo, que prega o conflito entre o poder terrestre e o marítimo, a aliança entre a Alemanha e a Rússia contra os Estados “Atlantistas” e uma disposição a empreender um “Destino Manifesto Russo” a fim de retornar aos limites fronteiriços naturais da Rússia.

4 A APLICAÇÃO DO EURASIANISMO NA POLÍTICA EXTERNA RUSSA

Em novembro de 2013, eclodiram fortes protestos populares contra o governo do Presidente da Ucrânia Viktor Yanukovich (2010-2014). A motivação para os conflitos foi, primordialmente, o cancelamento de um acordo comercial com a UE, que representava uma clara aproximação ucraniana com o Ocidente e um afastamento da Rússia.

Após meses de violentos confrontos entre parcelas da população pró-Rússia e pró-Europa e de ásperos conflitos diplomáticos entre o governo Russo e o Ocidente, em março de 2014, a região da Crimeia foi anexada à Federação Russa, com grande apoio popular ao Presidente Vladimir Putin.

No dia 18 de março de 2014, o Presidente Russo Vladimir Putin, proferiu no Kremlin, um pronunciamento aos representantes da Duma Estatal²⁰, líderes de regiões russas e representantes da sociedade civil. O discurso, de cerca de quarenta minutos, foi transmitido ao vivo pelas emissoras de televisão estatais, sendo seguido da assinatura da lei que oficializou a anexação da Crimeia à Rússia.

No intuito de facilitar a compreensão do leitor, o documento histórico citado, traduzido para o português, foi anexado a este trabalho monográfico como o ANEXO A – O discurso de anexação da Crimeia.

No documento anexo, podemos comparar algumas de suas passagens com o que já foi exposto sobre a teoria geopolítica do eurasianismo de Alexander Dugin, de forma a perceber que existem conexões ligando a referida teoria e ações concretas da Política Externa Russa.

Antes de iniciar propriamente a correlação entre o discurso de anexação e a ideia proposta pelo eurasianismo, torna-se interessante conhecer um prognóstico escrito em 2002,

20 A Duma Estatal é o parlamento da Rússia, criada a partir da Constituição Russa de 1993. A Duma Estatal é composta por 450 deputados, eleitos por um sistema de representatividade proporcional.

pelo geopolítico brasileiro, o General Meira Mattos²¹ (1913-2007) a cerca das perspectivas geopolíticas da Rússia no período pós-soviético.

A Federação Russa, núcleo de poder de Moscou que resistiu ao processo de desagregação da União Soviética, está se reestruturando a fim de vir a ocupar o seu lugar no cenário estratégico mundial. Após dez anos de instabilidade política e econômica, agora, sob a liderança do presidente Putin, a Federação Russa anuncia sua nova estratégia: a criação de um centro de poder eurasiático. Isto implica, sem abandonar a sua doutrina geopolítica de Poder Terrestre de Mackinder, a formulação de uma nova estratégia que pretende deslocar a “área pivô”, predominantemente europeia, para uma posição mais a leste, abrangendo a maior faixa de território centro-asiático (MATTOS, 2002, p. 28).

O General Meira Mattos (2002) pontua que essa reestruturação está sendo causada por uma mudança de postura, com uma nova opção cultural de Moscou, abdicando em parte sua matiz europeia e desejando fortalecer suas raízes asiáticas.

Assim, o Presidente Russo Vladimir Putin inicia o discurso afirmando que o processo de anexação da Crimeia foi realizado de acordo com os procedimentos democráticos e dentro das leis internacionais. Dois dias antes, em 16 de março, a população residente na península da Crimeia foi submetida a um referendo, onde cerca de 80% do eleitorado participou da votação. Mais de 96% dos eleitores se posicionaram a favor da reunificação com a Rússia (§2 e §3 do ANEXO A).

Fazia-se, com isso, uma reparação histórica, tanto para as concepções de Dugin quanto para Putin, pois a civilização ortodoxa, conceito eurasiático, com sua cultura, tradição e valores devem manter unidos os povos da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia, §5 do ANEXO A, e que a Crimeia "sempre foi uma porção inseparável da Rússia" (§10 do ANEXO A). Já que a transferência da Crimeia para a Ucrânia (1954) ocorreu sob a égide da ex-URSS, sem levar em conta os interesses da futura Rússia.

21 O General Meira Mattos (1913-2007) nasceu em São Paulo, intelectual brasileiro especializado em questões de política e estratégia. Foi Diretor da Academia Militar das Agulhas Negras, um dos criadores da Escola Superior de Guerra e Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Propôs um amplo projeto de desenvolvimento econômico e social brasileiro com prioridade para a Amazônia (TOSTA, 1984).

Após a dissolução da ex-URSS, em 1991, os cidadãos russos residentes na Crimeia tornaram-se um grupo étnico minoritário de uma hora para outra, e mais, o povo russo transformou-se no maior grupo étnico do mundo dividido por fronteiras (§14 do ANEXO A). O documento também reforça a ideia do erro em permitir a desestruturação da ex-URSS e de suas graves consequências geopolíticas para a Rússia.

Como já foi mencionado, Alexander Dugin não considera justa a demarcação atual da fronteira russa, e esse ponto é citado no §11 do ANEXO A por Vladimir Putin, que acusou os antigos governantes da extinta URSS de transferirem grandes parcelas históricas do território Russo para a Ucrânia, especificamente a Cidade de Sebastopol, a Crimeia e o que hoje corresponde ao sudeste da Ucrânia.

A proteção à civilização eurásiana, principalmente dos Russos étnicos residentes em terras estrangeiras, perseguida por Dugin, também surge no texto quando o Presidente Vladimir Putin afirma que não serão permitidas tentativas de assimilação forçada de povos russos por outros Estados. Leis que proíbem o ensino do idioma, manifestações culturais ou preservação da história russa, como podem ser observados nos §18 e §23 do ANEXO A, não serão aceitos sem forte reação de seu governo.

Como exemplo dessas políticas russóforas, cerca de 6% da população da Estônia e 12% da população da Letônia são de Russos étnicos que não exercem totalmente a cidadania em seus países, já que não podem exercer o direito do voto nas eleições nacionais, inscrever-se em escolas russas ou acessar mídia que transmita sua cultura²².

Quanto às contundentes reações dos governos Ocidentais, o documento argumenta que a Crimeia obteve sua independência recorrendo à Carta das Nações Unidas, vide §26 do

22 Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.com/articles/141538/alexander-lukin/what-the-kremlin-is-thinking>>. Acesso em 27 jun. 2014.

ANEXO A, utilizando o conceito do direito de autodeterminação²³, de forma similar como a Ucrânia fez ao separar-se da ex-URSS e, também, utilizado na declaração unilateral de independência de Kosovo em 2008.

A declaração de Independência do Kosovo, rejeitada pela Rússia, foi apoiada pelos EUA e outros Estados. O Presidente Vladimir Putin utilizou a expressão “cinismo” sobre a discrepância entre o apoio concedido ao direito de autodeterminação dos Albaneses do Kosovo e, em contrapartida, a negação do mesmo direito aos Russos da Crimeia (§28 do ANEXO A).

O apoio do Ocidente às “Revoluções Coloridas”, na Geórgia e Ucrânia, Estados do entorno estratégico russo, que retiraram do poder governos pró-Russos e substituíram-nos por grupos políticos mais afeitos a uma aliança com a Europa, também foi abordado no documento (§35 do ANEXO A).

A “Revolução Rosa” na Geórgia, de 22 a 23 de novembro de 2003, encerrou o governo de Eduard Shevardnadze (1991-2003), antigo Ministro de Estado da ex-URSS, que devido à instabilidade econômica georgiana estava indicando um retorno à órbita russa. Em seu lugar, assumiu o governo de Mikheil Saakashvili (2004-2013). Político pró-Ocidente que logo determinou o fechamento da base militar da Rússia ainda existente em solo georgiano e firmou um contrato de compra de equipamentos de defesa e treinamento militar norte-americano (BANDEIRA, 2013).

A “Revolução Laranja” ocorrida na Ucrânia em 2005, também, de maneira similar, na visão de Putin, acordo §36 do ANEXO A, foi influenciada pelo Ocidente para

23 O conceito de autodeterminação defende que os cidadãos devem escolher seu governo de modo que este atue com base no seu consentimento, pois os homens são livres e devem participar dele. Também, busca preservar o direito à existência de uma vontade coletiva diferenciada, que não encontra espaço de manifestação em determinado Estado nacional. Atualmente, os conflitos entre nações do ponto de vista étnico-cultural e as nações com origem político-estatal têm levado a inúmeros conflitos e colocado em cena novamente o direito à secessão dessas nacionalidades (DIAS, 2011).

colocação no poder de um governo que lhe fosse favorável.

Assim, o governo de Viktor Yushchenko (2005-2010) possibilitou uma maior integração com as instituições euro-atlânticas, como exemplo, o principal projeto de seu governo foi a construção de um novo oleoduto, ligando o Mar Cáspio, através da Ucrânia, até à Polônia, de modo a reduzir a dependência em relação aos suprimentos energéticos da Rússia (BANDEIRA, 2013).

A reação contrária à aproximação da OTAN ao território russo também é uma linha que une o eurasianismo à Política Externa Russa atual, como pode ser observado no pronunciamento oficial (§37, §46 e §47 do ANEXO A).

Logo após assumir o governo norte-americano, o Presidente George W. Bush (1946-), além de apoiar a expansão da OTAN até aos Estados fronteiriços da Rússia, como a Ucrânia e a Geórgia, também retirou os EUA do Tratado de Mísseis antibalísticos, celebrado em 1972 com a ex-URSS, no intuito de implementar um sistema de defesa antimísseis na Polônia e na República Tcheca, sob forte reação russa.

A relação entre a OTAN e a Geórgia começou em 1993, quando ela ingressou no programa *Partnership for Peace*²⁴. Após a assunção do governo de Saakashvili, a relação entre o Estado fronteiriço da Rússia e a aliança militar Ocidental foi aumentando gradualmente até bem próximo de sua inclusão como membro efetivo²⁵. O que transformaria a Geórgia no membro mais Oriental da OTAN.

O presidente Mikheil Saakashvili, apoiado pelos EUA, solicitou a adesão da Geórgia à OTAN, quando aumentaram as tensões com a Abecásia e a Ossétia do Sul que são regiões separatistas e aspiravam à integração com a Rússia (BANDEIRA, 2013).

24 Parceria para a paz. Tradução nossa.

25 Disponível em: < http://www.nato.int/nato_static/assets/pdf/_MediaBackgrounder_Georgia_on.pdf>. Acesso em 30 mai. 2014.

A consequência mais grave dessa aproximação foi a invasão militar Russa através da fronteira da Geórgia, em 8 de agosto de 2008, de modo a proteger os separatistas da Ossétia do Sul. Ao mesmo tempo, as forças russas reforçaram a presença militar na Abecásia²⁶.

A reação da OTAN foi apenas retórica. Pela primeira vez após o fim da Guerra Fria, a Rússia mostrava com ações concretas que havia um limite na expansão político-militar do Ocidente sobre suas áreas de influência estratégicas.

Com a Guerra da Ossétia do Sul, o Presidente Putin mostrou o que poderia ocorrer com a Polônia e a República Tcheca caso permitissem a instalação dos sistemas antimísseis balísticos em seus territórios (BANDEIRA, 2013).

A unipolaridade do SI tendo os EUA como única superpotência, também é pontuada no discurso em seu §33 do ANEXO A, afirmando que após a dissolução da bipolaridade, as relações de Poder entre os Estados está muito mais instável.

Além disso, na visão da elite política russa compartilhada com o pensamento eurasiologista, os EUA não cooperam com o fortalecimento das Organizações Internacionais Governamentais²⁷ e, dentre elas, a mais importante, a Organização das Nações Unidas (ONU) vem sendo constantemente desrespeitada pelos norte-americanos (MAGNOLI, 2006).

Alguns exemplos são citados no §34 do ANEXO A, onde os EUA e aliados atacaram Estados soberanos sem a devida autorização do Conselho de Segurança da ONU: Iugoslávia (1999), Afeganistão (2001) e Iraque (2003); ou agiram de forma a extrapolar o

26 Disponível em: < <http://www.foreignaffairs.com/articles/64602/charles-king/the-fiveday-war>>. Acesso em 23 mai. 2014.

27 As Organizações Internacionais Governamentais (OIG) são agrupamentos políticos que têm nos Estados seus membros fundadores e componentes, existem a um tempo relativamente curto em termos históricos, ganhando destaque no século XX. As OIG surgiram da necessidade de encontrar soluções para determinadas questões internacionais além da diplomacia tradicional, gerando espaços permanentes para a discussão, funcionando como mediadoras (PECEQUILO, 2010).

mandato que havia sido autorizado, como no caso da Zona Exclusão Aérea na Líbia (2011) transformada em bombardeio aéreo.

A capacidade dos EUA, a partir do fim do conflito bipolar, de desrespeitarem o artigo 2º, §7, da Carta da ONU²⁸, que ratifica o princípio da não intervenção nos assuntos internos dos Estados membros e da soberania nacional, advém dessa hegemonia unipolar nas relações internacionais (BANDEIRA, 2011).

A tentativa da substituição deste mundo unipolar por um mundo multipolar, aos moldes da concepção da divisão geopolítica do eurasianismo, apresentado no Capítulo 3 deste trabalho, tornou-se um dos objetivos da Política Externa Russa no Governo de Vladimir Putin. A forma de subverter essa situação, seguindo os conceitos de Alexander Dugin, será conquistada por meio de alianças entre a Rússia e outros Estados.

Alianças ou “Vetores Estratégicos” devem ser construídos com ações de política externa do tipo: fortalecimento da Organização para Cooperação de Xangai, aproximação com a Alemanha e França e incentivo ao desenvolvimento do relacionamento entre os BRICS²⁹.

A Organização para Cooperação de Xangai, criada em 1996, é composta pela Rússia, China, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. Foi criada com a finalidade de desenvolver a segurança mútua entre seus Estados membros, em clara oposição à OTAN e possui uma agenda antiocidental (MAGNOLI, 2006).

A aliança estratégica Moscou-Berlim possui um projeto bilateral de grande importância geopolítica: a construção de um gasoduto ligando as reservas russas de gás

28 “Nenhum dispositivo da presente Carta autorizará as Nações Unidas a intervirem em assuntos que dependam essencialmente da jurisdição de qualquer Estado ou obrigará os Membros a submeterem tais assuntos a uma solução, nos termos da presente Carta” (ONU, 2001).

29 O termo BRIC é um acrônimo criado, em 2001, pelo economista inglês Jim O’Neill (1957-) para associar as economias emergentes do Brasil, Rússia, Índia e China. Em 2011, a África do Sul passou a integrar o grupo que passou a ter a denominação de BRICS.

natural aos mercados consumidores europeus através do Mar Báltico. O gasoduto Russo-Alemão ou *Nord Stream* está em operação desde 2012, possui 1.220 quilômetros de extensão e a capacidade de transportar 27,5 bilhões de metros cúbicos de gás natural³⁰.

Em sua primeira aquisição de material militar Ocidental, a Rússia contratou de estaleiros franceses a construção de dois navios de multipropósito da Classe “Minstral”. De acordo com o sítio do *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI)³¹, a compra foi realizada em 2011 com as entregas previstas para 2014 e 2015. Os EUA reagiram negativamente à venda destes navios, que compõem também o inventário da OTAN, principalmente, devido à possibilidade de acesso da Marinha Russa à eletrônica de última geração.

No §42 do ANEXO A, Vladimir Putin agradeceu a não interferência e a objetividade com que China e Índia trataram do tema relativo à anexação da Crimeia. A China manteve uma postura de abstenção em todas as votações do Conselho de Segurança da ONU referentes à crise ucraniana. Apesar de não ser citado no texto, o Brasil, como os outros integrantes do BRICS, assumiu uma postura de neutralidade, deixando de criticar a participação da Rússia no processo de incorporação da Crimeia.

Assim, tendo como base um importante documento histórico, pôde-se observar que a linha de pensamento do eurasionismo de Alexander Dugin, descrita no capítulo anterior, está presente em ações concretas de política externa do Governo de Vladimir Putin. Ações que visam o combate à unipolaridade norte-americana, a defesa de uma civilização eurásiana própria e o processo de recuperação da humilhação, sofrida pelo povo Russo, com a perda de territórios e influência geopolítica após a dissolução da ex-URSS.

30 <http://www.nord-stream.com>

31 <http://www.sipri.org>

5 CONCLUSÃO

Apesar de existir na Rússia, durante a década de 1990, vontade política e popular para uma aproximação com a Europa após a dissolução da ex-URSS, faltaram aos EUA e aos Estados da Europa Ocidental, a capacidade e a percepção em apoiar a economia fragilizada da nova Federação Russa recém-criada. O retorno de uma economia socialista de mercado para o capitalismo na Rússia pós-soviética, como vimos, foi bastante conturbado, culminando com uma grave crise econômica em 1998.

Aliado a isso, a OTAN foi expandida para o leste europeu, incorporando em sua Organização, Estados da esfera de influência soviética ou Repúblicas pertencentes à ex-URSS que buscavam proteção contra futuras pressões russas. Atualmente, os últimos Estados que separam fisicamente a OTAN do território Russo são a Moldávia, Geórgia, Ucrânia e Bielorrússia, que constituem um espaço de defesa estratégico importante a qualquer tentativa de invasão vinda do oeste.

A crise econômica, a aproximação da OTAN com propostas de instalação de bases militares capazes de prover escudos antimísseis próximos à fronteira russa e a ascensão ao poder do Presidente Vladimir Putin, ajudam a explicar as razões que levaram a diminuição do apoio governamental e popular aos pensadores ocidentalistas, crescendo a importância de outra linha de pensamento: o eurasianismo.

O Cientista Político Alexander Dugin é o principal propugnador do eurasianismo. Em suas argumentações, considera que os ocidentalistas foram responsáveis pela desintegração da ex-URSS, da consequente diminuição da influência política russa e da oportunidade dada aos EUA para redefinirem o quadro geopolítico mundial criando uma “Nova Ordem Mundial Unipolar”.

Para contrapor-se ao sistema unipolar, o eurasianismo propõe uma reorganização

política mundial em “Confederações de Estados” dentro de grandes zonas meridionais, permitindo a formação de um mundo multipolar com quatro polos: Zona Anglo-Americana, Zona Euro-Africana, Zona Pan-Eurásiana e Zona Oriental.

As Confederações seriam divididas em “Grandes Espaços”, regiões mais harmônicas em relação à comunidade de cada civilização, seus principais valores religiosos, seculares ou culturais. Estes teriam certa autonomia dentro de sua zona meridional, mas estariam estrategicamente integrados.

O eurasianismo possui similaridades com teorias geopolíticas de autores clássicos, principalmente, com o Geógrafo inglês Halford Mackinder e o General alemão Karl Haushofer, no tocante ao conceito do conflito entre o “Atlantismo”, composto por Estados com grande capacidade de controlar os oceanos e os “Eurasianistas”, representados por Estados centrados no Poder Terrestre. A grande diferença entre essas teorias geopolíticas está no ponto de vista do autor, enquanto Mackinder construiu sua teoria pela ótica da Grã-Bretanha, Haushofer o fez pelo prisma Alemão e Dugin adaptou-as para a Rússia.

Outros pontos importantes da teoria de Alexander Dugin são referentes à proteção dos russos étnicos residentes fora de seu território, às alianças políticas e econômicas com outros Estados por meio de “Vetores Estratégicos” e à contestação da atual situação das fronteiras russas que estariam aquém de seus limites históricos.

A partir do início do Governo de Vladimir Putin no ano 2000, a Rússia iniciou um processo de reposicionamento geopolítico, onde o eurasianismo consolidou-se como linha de pensamento preponderante nas ações concretas de sua Política Externa, algumas delas são citadas a seguir:

- A forte reação à expansão da OTAN sobre os Estados do seu entorno estratégico, atingindo o seu clímax na invasão por terra da Geórgia em 2008. A Guerra da Ossétia do Sul

diminuiu o ímpeto da OTAN em expandir-se mais para leste, sobre a Geórgia e a Ucrânia.

Além disso, mostrou as consequências que poderiam ocorrer com a continuação dos projetos de instalação dos sistemas antimísseis na Polônia e na República Tcheca.

- A proteção à civilização ortodoxa, buscada pela política de não permitir tentativas de assimilação forçada de povos russos por outros Estados, como as leis que proíbem o ensino do idioma, manifestações culturais ou preservação de sua história.

- Na tentativa de diminuir a unipolaridade exercida pelos EUA no SI e em busca da multipolarização proposta pelo eurasianismo, a Rússia buscou costurar alianças estratégicas como: a criação e desenvolvimento da Organização para Cooperação de Xangai que possui a finalidade de desenvolver a segurança mútua entre seus Estados membros, a aproximação com a Alemanha por meio de um grande projeto energético bilateral, qual seja, a construção do Gasoduto do Mar Báltico, a compra de modernos produtos militares junto à França e o fortalecimento das relações com os outros integrantes dos BRICS..

- Por último, a ação mais contundente até o presente momento, que foi a expansão da fronteira russa, com a anexação da península da Crimeia em março de 2014, considerada, junto com a parte leste da Ucrânia, pertencente ao espaço histórico russo.

Conclui-se, portanto, que a teoria eurásiana de Alexander Dugin teve influência em decisões da Política Externa Russa a partir da chegada ao poder do Governo de Vladimir Putin. Dessa maneira, espera-se que o presente trabalho possa contribuir para uma melhor compreensão do reposicionamento geopolítico russo na atualidade, após um período de cerca de vinte anos da queda do comunismo na ex-URSS.

REFERÊNCIAS

- ASH, Timothy Garton. Eastern Europe: the year of the truth. New York Review of Books, 1990. 18 p.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. A Segunda Guerra Fria. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 713 p.
- BONAVIDES, Paulo. Ciência Política. 13. ed. São Paulo: Malheiros, 2006. 549 p.
- DIAS, Reinaldo. Ciência Política. São Paulo: Atlas, 2011. 280 p.
- DUGIN, Alexander; CARVALHO Olavo de. Os EUA e a Nova Ordem Mundial: um debate entre Alexander Dugin e Olavo de Carvalho. Campinas: Daikoku, 2012. 237 p.
- DUGIN, Alexander. *La Grande Guerre des Continents*. Paris: Avatar, 2006. 100 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009. 2120 p.
- FRIEDMAN, George. *The Geopolitics of Russia: permanent struggle*. STRATFOR Global Intelligence, 2008. Disponível em: <<http://www.stratfor.com/sample/analysis/geopolitics-russia-permanente-struggle>>. Acesso em 16 mai. 2014.
- GREESPAN, Alan. A Era da Turbulência. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2008. 520 p.
- HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991). 2. ed. São Paulo: Schwarcz, 2002. 598 p.
- HUNTINGTON, Samuel P. A Terceira Onda: A democratização no final do século XX. São Paulo: Ática, 1994. 335 p.

HUNTINGTON, Samuel P. O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 455 p.

LEITÃO, Miriam. Saga brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. 475 p.

LOROT, Pascal. *Historie de la Géopolitique*. Paris: Economica, 1995. 112 p.

KNOX, Paul L.; MARSTON, Sallie A. *Human Geograph: Places and regions in Global Context*. Upper Sadle River: Pearson Education, 2009. 608 pg.

MAGNOLI, Demétrio. O Grande Jogo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 271 p.

MAGNOLI, Demétrio; BARBOSA, Elaine Senise. O Leviatã Desafiado Vol. 2 (1946-2001). Rio de Janeiro: Record, 2013. 541 p.

MATTOS, Carlos de Meira. Geopolítica e Modernidade: a geopolítica brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002. 156 p.

ONU. Carta das Nações Unidas e Estatuto da Corte Internacional de Justiça. Rio de Janeiro: UNIC, 2001. 90 p.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 245 p.

SANTOS, Eduardo E. Silvestre dos Santos. O Eurasianismo: a “nova” geopolítica russa. Disponível em: <<http://www.evrazia.info/article/4433>>. Acesso em 09 mai. 2014.

TOSTA, Octavio. Teorias Geopolíticas. 3. Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

VESENTINI, José William. Novas Geopolíticas. São Paulo: Contexto, 2011. 125 p.

ANEXOS

Figuras



FIGURA 1 – Mapa da multipolaridade mundial com quatro zonas meridionais

Fonte: Disponível em: <<http://www.evrazia.org/modules.php?name=news&file=article&sid=1884>>.

Acesso em: 02 mai. 2014.

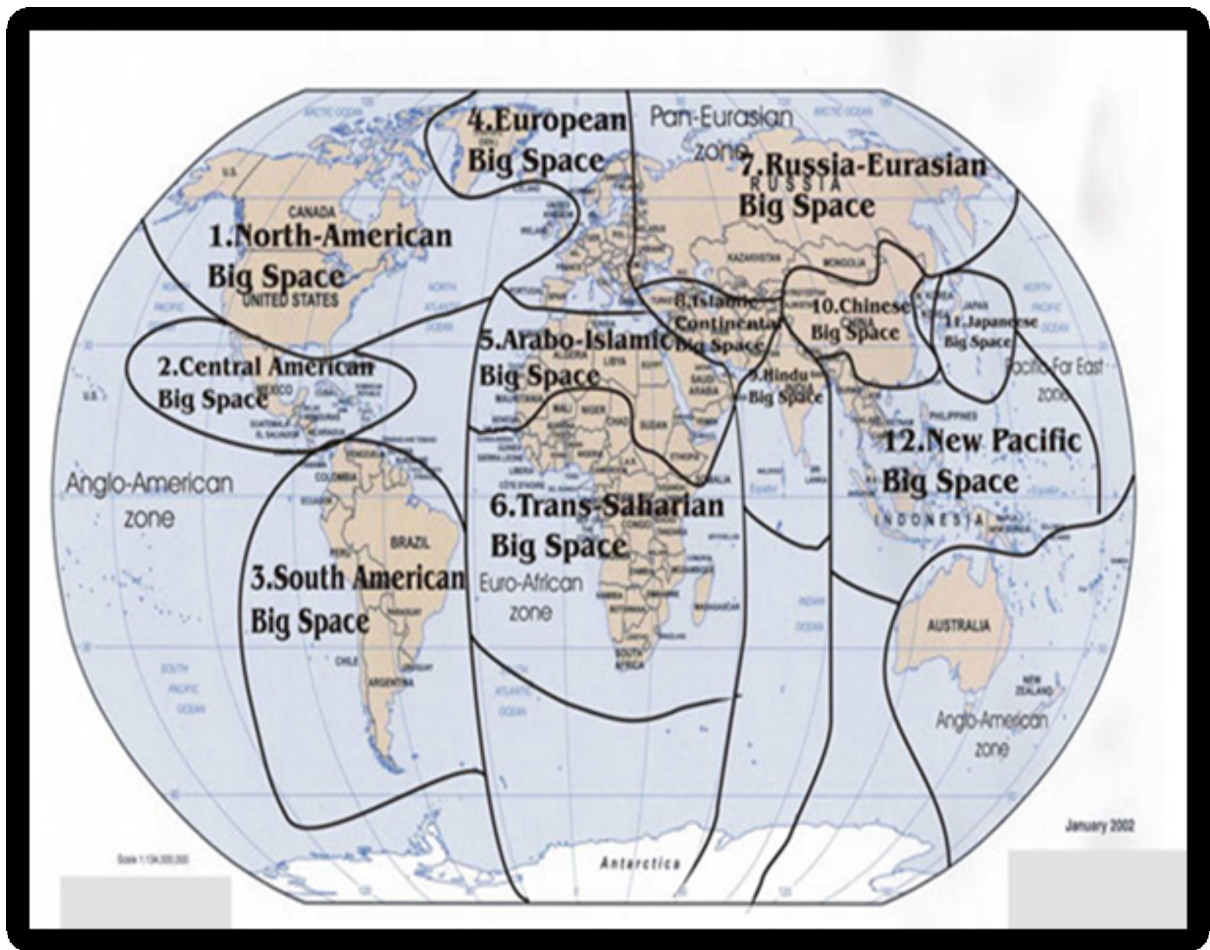


FIGURA 2 – Mapa da multipolaridade mundial com seus Grandes Espaços

1. Grande Espaço Norte-americano
2. Grande Espaço da América Central
3. Grande Espaço Sul-americano
4. Grande Espaço Europeu
5. Grande Espaço Árabe-mulçumano
6. Grande Espaço Transaariano
7. Grande Espaço Russo-eurasiano
8. Grande Espaço Mulçumano Continental
9. Grande Espaço Indiano
10. Grande Espaço Chinês
11. Grande Espaço Japonês
12. Grande Espaço do Pacífico Sul
- 13.

Fonte: Disponível em: <<http://www.evrazia.org/modules.php?name=news&file=article&sid=1884>>. Acesso em: 02 mai. 2014.



FIGURA 3 – O Mundo de Mackinder (1904)

Fonte: KNOX; MARSTON, 2009, p. 391.

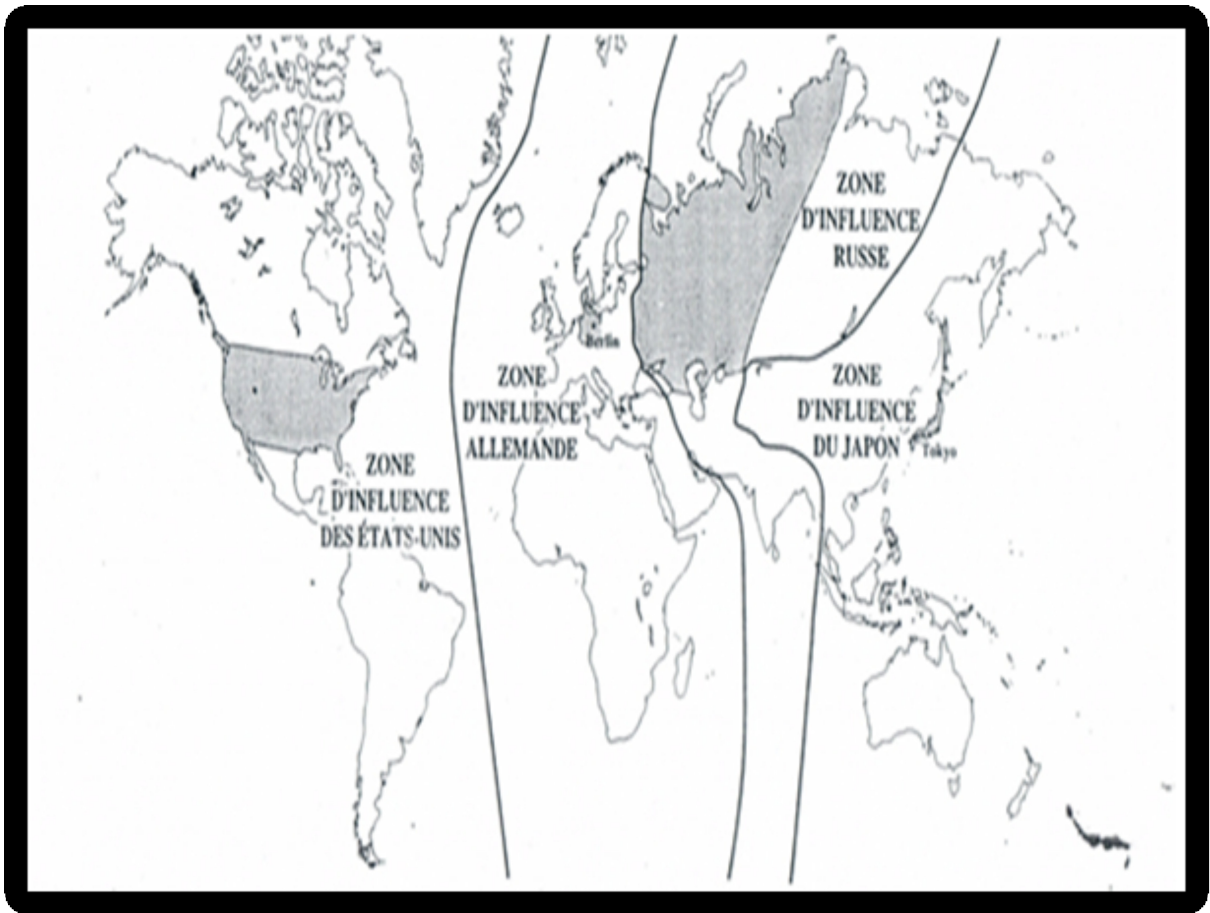


FIGURA 4 – Mapa das quatro Panregiões e seus Estados-Diretores

1. Pan-americana – EUA
2. Euráfrica – Alemanha
3. Panrússia – Rússia
4. Coprosperidade da Grande Ásia - Japão

Fonte: LOROT, 1995, p. 31.

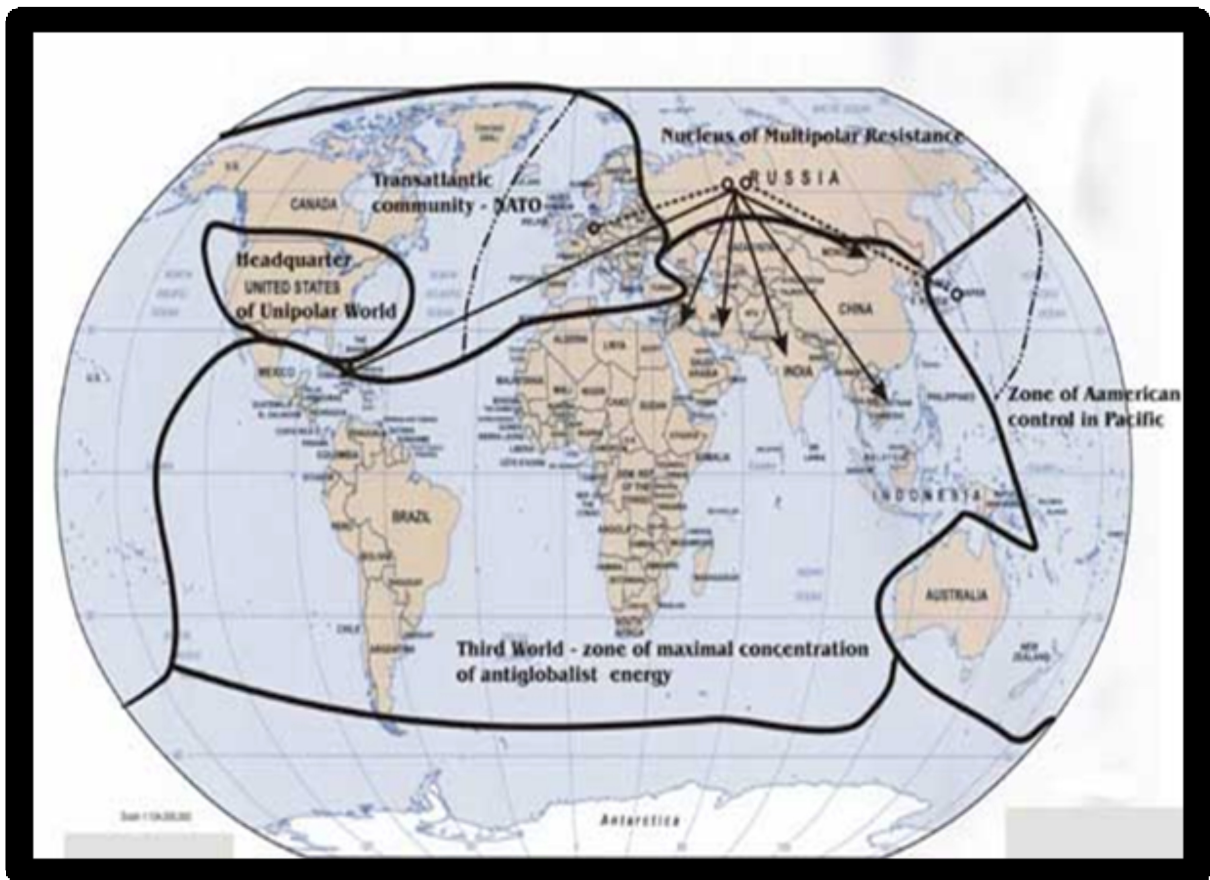


FIGURA 5 – Mapa da reação russo-eurasiana contra a unipolaridade

— · · — Linhas de fratura mais importantes do espaço pró-atlantista

→ Vetores estratégicos de parcerias com países do Terceiro Mundo

← · · → Eixos cruciais das alianças geopolíticas eurásianas com a Europa e o Japão

Fonte: Disponível em: <<http://www.evrazia.org/modules.php?name=news&file=article&sid=1884>>.

Acesso em: 02 mai. 2014.

ANEXO A – O discurso de anexação da Crimeia

Segue abaixo a íntegra da fala do Presidente Russo Vladimir Putin, no Kremlin, no dia 18 de março de 2014:

§1 "Membros do Conselho Federal, representantes da Duma Estatal, boa tarde. Representantes da República da Crimeia e Sevastopol estão aqui conosco, cidadãos da Rússia, residentes da Crimeia e de Sevastopol!

§2 Caros amigos, o motivo de estarmos reunidos aqui hoje tem a ver com um assunto de importância vital e histórica para todos nós. Realizou-se um referendo na Crimeia em 16 de março em pleno cumprimento dos procedimentos democráticos e normas internacionais.

§3 Mais de 82% do eleitorado participou da votação. Mais de 96% dos eleitores se posicionaram a favor da reunificação com a Rússia. Os números falam por si mesmos.

§4 Para compreender as razões por trás de tal escolha, basta conhecer a história da Crimeia e o que a Rússia e a Crimeia sempre significaram uma para a outra.

§5 Tudo na Crimeia fala da nossa história e orgulhos compartilhados. Essa é a região dos antigos Khersones, onde o príncipe Vladimir foi batizado. Seu feito espiritual de adotar a ortodoxia pré-determinou a base geral da cultura, civilização e dos valores humanos que unem os povos da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia. As sepulturas dos soldados russos cuja valentia levou a Crimeia para o império russo também estão na Crimeia. Assim é também Sevastopol – uma cidade lendária com uma história extraordinária, uma fortaleza que serve como ponto da Frota do Mar Negro da Rússia. A Crimeia é Balaklava e Kerch, Malakhov Kurgan e Sapun Ridge. Cada um desses locais nos é querido, símbolos da glória militar e da notável coragem russas.

§6 A Crimeia é uma fusão ímpar de culturas e tradições de diferentes povos. Isso a torna semelhante à Rússia como um todo, onde nenhum grupo étnico foi perdido ao longo dos séculos. Russos e ucranianos, crimeios e tártaros e povos de outros grupos étnicos conviveram na Crimeia, preservando a própria identidade, as tradições, idiomas e crenças. Curiosamente, a atual população total da península da Crimeia é de 2,2 milhões de pessoas, das quais cerca de 1,5 milhão são russos, 350 mil são ucranianos que consideram o russo predominantemente como idioma nativo e cerca de 290 mil a 300 mil são tártaros da Crimeia

que, como mostrou o referendo, inclinam-se a favor da Rússia.

§7 É bem verdade que houve um tempo em que os tártaros da Crimeia foram tratados injustamente, assim como outros povos da URSS. Quanto a isso, há apenas uma coisa a dizer: milhões de pessoas de diversas etnias sofreram durante aquelas repressões, sobretudo os russos.

§8 Os tártaros da Crimeia retornaram à terra natal. Creio que devemos tomar todas as decisões políticas e legislativas necessárias para concluir a reabilitação dos tártaros da Crimeia, restaurá-los em seus direitos e limpar sua boa reputação.

§9 Temos respeito por todos os povos de todos os grupos étnicos que vivem na Crimeia. Trata-se de seu lar comum, sua terra natal, e seria correto – sei que a população local apoia isso – para a Crimeia ter três idiomas nacionais: russo, ucraniano e tártaro.

§10 Colegas, na mente e no coração do povo, a Crimeia sempre foi uma porção inseparável da Rússia. Essa firme convicção se baseia na verdade e na justiça e foi passada de geração em geração, ao longo do tempo, sob quaisquer circunstâncias, apesar de todas as drásticas mudanças que nosso país atravessou durante todo o século XX.

§11 Após a revolução, os bolcheviques, por diversos motivos – que Deus os julgue – agregaram grandes partes do histórico sul da Rússia à República da Ucrânia. Isso foi feito sem nenhuma consideração pela restauração étnica da população e atualmente essas áreas compõem o sudeste da Ucrânia. Em seguida, em 1954, foi tomada a decisão de transferir a região da Crimeia para a Ucrânia, junto com Sevastopol, embora fosse uma cidade federal. Essa foi a iniciativa pessoal do líder do Partido Comunista, Nikita Khrushchev. O que havia por trás da decisão dele – um desejo de ganhar apoio do estabelecimento político ucraniano ou se redimir pelas repressões em massa dos anos 1930 na Ucrânia – fica a cargo dos historiadores descobrir.

§12 O que importa agora é que essa decisão foi tomada em nítida violação das normas constitucionais em vigor à época. A decisão foi tomada por baixo dos panos. Claro que em um Estado totalitário ninguém se importou em consultar os cidadãos da Crimeia e de Sevastopol. Estes tiveram de aceitar o fato. As pessoas, obviamente, perguntavam-se por que de repente a Crimeia se tornou parte da Ucrânia. Mas em suma – e devemos afirmar isso claramente, como todos sabem – essa decisão foi tratada como uma formalidade inferior porque o território foi transferido dentro das fronteiras de um único Estado. Na época, era impossível imaginar que Ucrânia e Rússia pudessem se dividir e se tornar dois Estados separados. Contudo, foi o que aconteceu.

§13 Infelizmente, o que parecia impossível virou realidade. A URSS se desintegrou. As coisas aconteceram tão rapidamente que pouca gente percebeu o quanto foram drásticos aqueles eventos e suas consequências. Muitas pessoas na Rússia e na Ucrânia, assim como em

outras repúblicas esperavam que a Comunidade de Estados Independentes que fora criada na época se tornaria a nova forma comum de Estado. Foram informados de que haveria uma única moeda, um único âmbito econômico e forças armadas unificadas; entretanto, não passaram de promessas vazias, enquanto o grande país havia deixado de existir. Apenas quando a Crimeia acabou se tornando parte de outro país que a Rússia se deu conta de que não havia sido simplesmente roubada, mas saqueada.

§14 Ao mesmo tempo, devemos admitir que ao lançar a demonstração de soberania, a própria Rússia colaborou para o colapso da União Soviética. E à medida que esse colapso foi legalizado, todos se esqueceram da Crimeia e de Sevastopol - a principal base da Frota do Mar Negro da Rússia. Milhões de pessoas dormiram em um país e acordaram em outro, tornando-se, da noite para o dia, minorias étnicas nas antigas repúblicas da União, enquanto a nação russa se tornou um dos maiores, se não o maior, grupo étnico do mundo dividido por fronteiras.

§15 Hoje, muitos anos depois, escuto residentes da Crimeia dizerem que em 1991 foram transferidos como um saco de batatas. Difícil discordar. E quanto ao Estado russo? E a Rússia? Humildemente aceitou a situação. Este país passava por dificuldades que, realisticamente, era incapaz de proteger seus interesses. Entretanto, o povo não conseguiu se conformar com essa revoltante injustiça histórica. Todos esses anos, cidadãos e diversas figuras públicas retomaram a questão, afirmando que a Crimeia é historicamente um território russo e que Sevastopol é uma cidade russa. Sim, todos nós sabíamos disso no coração e na mente, mas tínhamos de seguir a partir da realidade vigente e construir nossas relações de boa vizinhança com a Ucrânia independente em um novo patamar. Enquanto isso, nossas relações com a Ucrânia, com o fraterno povo ucraniano, sempre foi e sempre será da mais alta importância para nós.

§16 Hoje podemos falar sobre isso abertamente, e eu gostaria de compartilhar com vocês alguns detalhes das negociações que aconteceram no início dos anos 2000. Kuchma, presidente da Ucrânia na época, pediu que eu acelerasse o processo de delimitação da fronteira russo-ucraniana. Na época, o processo estava praticamente parado. Aparentemente a Rússia havia reconhecido a Crimeia como parte da Ucrânia, mas não havia negociações sobre a delimitação de fronteiras. Apesar da complexidade da situação, eu imediatamente emiti instruções aos órgãos governamentais russos para acelerar o trabalho de documentação das fronteiras, para que todos tivessem uma nítida compreensão de que concordando em delimitar a fronteira, admitíamos de facto e de jure que a Crimeia era território ucraniano, encerrando assim a questão.

§17 Acomodamos a Ucrânia não só quanto à Crimeia, mas também quanto à complicada questão da fronteira marítima no Mar de Azov e no Estreito de Kerch. A continuidade de lá para cá foi que boas relações com a Ucrânia eram de extrema relevância para nós e eles não deveriam ficar reféns de disputas territoriais sem saída. No entanto, esperávamos que a Ucrânia permanecesse como nossa boa vizinha, esperávamos que os cidadãos russos e os falantes de russo na Ucrânia, principalmente no sudeste e na Crimeia, vivessem em um estado

amistoso, democrático e civilizado que protegeria seus direitos de acordo com as normas da legislação internacional.

§18 Mas não foi assim que a situação se desdobrou. Foram inúmeras as tentativas de privar os russos de sua memória histórica, até mesmo de seu idioma, e sujeitá-los à assimilação forçada. Além disso, os russos, assim como outros cidadãos da Ucrânia, estão sofrendo com as constantes crises políticas e de Estado que rondam o país por mais de 20 anos.

§19 Entendo porque o povo ucraniano queria mudanças. Estavam fartos das autoridades no poder durante os anos de independência da Ucrânia. Presidentes, primeiros-ministros e parlamentaristas mudaram, mas a sua atitude em relação ao país e ao povo continuava a mesma. Extorquiram o país, brigaram entre si por poder, recursos e caixa e não ligavam para o povo. Não lhes passava pela cabeça questionar por que milhões de cidadãos ucranianos não tinham perspectivas no próprio país e migravam para outros países para trabalhar por jornadas diárias em mão-de-obra não especializada. Gostaria de ressaltar o seguinte: não era para o Vale do Silício que migravam, mas para se tornarem assalariados não especializados. Somente no ano passado, cerca de 3 milhões de pessoas aderiram a esse tipo de emprego na Rússia. Segundo algumas fontes, em 2013 sua renda na Rússia totalizou mais de US\$ 20 bilhões, o que representa cerca de 12% do PIB da Ucrânia.

§20 Gostaria de reiterar que compreendo aqueles que foram até Maidan com slogans pacíficos contra corrupção, má administração do estado e pobreza. O direito a protestos pacíficos, procedimentos democráticos e eleições existe pelo único objetivo de substituir as autoridades que estão aquém dos desejos da população. No entanto, aqueles que estavam por trás dos mais recentes acontecimentos na Ucrânia tinham outra proposta: eles estavam preparando outra tomada de governo; queriam tomar o poder e nada era capaz de detê-los. Partiram para o terror, assassinato e tumultos. Nacionalistas, neonazistas, russóforos e antissemitas executaram o golpe. Continuam dando as cartas na Ucrânia até hoje. As novas supostas autoridades começaram introduzindo um projeto-de-lei para rever a política de idiomas, que foi uma infração direta aos direitos das minorias étnicas. Contudo, eles foram imediatamente “disciplinados” por aliados estrangeiros desses ditos políticos. É preciso admitir que os mentores das autoridades atuais são inteligentes e sabem muito bem em que essas tentativas de construir um estado puramente ucraniano podem resultar. O projeto de lei foi deixado de lado por ora, mas sem dúvida será retomado futuramente. Quase não se ouve falar dessa tentativa agora, provavelmente confiando na ideia de que a população tem memória curta. Entretanto, todos nós somos capazes de enxergar as intenções desses herdeiros ideológicos de Bandera, cúmplice de Hitler durante a II Guerra Mundial.

§21 Também é óbvio que não há uma autoridade executiva legítima na Ucrânia hoje, ninguém com quem falar. Diversos órgãos governamentais foram tomados pelos impostores, mas eles não possuem nenhum controle no país já que eles mesmos – e quero enfatizar isto – são muitas vezes controlados por radicais. Em alguns casos, é preciso ter permissão especial dos militantes de Maidan para encontrar determinados ministros do atual governo. Não se trata de uma piada – a realidade é essa.

§22 Os que se opuseram ao golpe foram imediatamente ameaçados com repressão. Naturalmente, a primeira da fila era a Crimeia, a Crimeia de falantes de russo. Assim sendo, os habitantes da Crimeia e de Sevastopol recorreram à Rússia para obter ajuda para defenderem seus direitos e a vida, para evitar que os acontecimentos que se desdobravam e ainda estão em andamento em Kiev, Donetsk, Kharkov e outras cidades ucranianas.

§23 Naturalmente não poderíamos fazer vista grossa a esse pedido; não poderíamos abandonar a Crimeia e deixar seus habitantes em perigo. Isso seria traição de nossa parte.

§24 Primeiro, tínhamos de ajudar a criar condições para que os habitantes da Crimeia, pela primeira vez na história, pudessem expressar pacificamente a sua vontade própria em relação ao próprio futuro. Mas o que escutamos de nossos colegas do oeste da Europa e América do Norte? Eles dizem que estamos violando as normas da legislação internacional. Em primeiro lugar, é bom que eles pelo menos lembrem que existe algo chamado legislação internacional – antes tarde do que nunca.

§25 Em segundo lugar e mais importante – o que exatamente estamos violando? É verdade, o presidente da federação russa recebeu permissão da Câmara Alta do Parlamento para fazer uso das Forças Armadas na Ucrânia. No entanto, falando cruamente, ninguém se valeu dessa permissão ainda. As Forças Armadas da Rússia nunca entraram na Crimeia; elas já estavam lá em conformidade com um acordo internacional. É verdade que reforçamos a presença na região; porém – isto é algo que quero que todos escutem e saibam – não excedemos o limite de contingente de nossas Forças Armadas na Crimeia, limitado a 25 mil, porque não houve necessidade de fazê-lo.

§26 Continuando. Como declarou independência e decidiu realizar um referendo, o Conselho Supremo da Crimeia recorreu à Carta das Nações Unidas, que fala dos direitos dos países à autodeterminação. Aliás, gostaria de lembrá-los que quando a Ucrânia se separou da URSS ela fez exatamente a mesma coisa, quase literalmente. A Ucrânia se valeu de seu direito, mas aos habitantes da Crimeia ele é negado. Por quê?

§27 Além disso, as autoridades da Crimeia citaram o conhecido precedente de Kosovo – um precedente que nossos colegas ocidentais criaram com as próprias mãos em uma situação muito similar, quando concordaram que a separação unilateral de Kosovo da Sérvia, exatamente o que a Crimeia faz agora, era legítima e não exigia permissão das autoridades centrais do país. De acordo com o Artigo 2, Capítulo 1 da Carta das Nações Unidas, a Corte Internacional da ONU concordou com essa abordagem e fez o seguinte comentário no regulamento de 22 de julho de 2010 e que cito agora: “Nenhuma proibição geral pode ser deduzida da prática do Conselho de Segurança com relação às declarações de independência” e “a legislação internacional geral não contém nenhuma proibição nas declarações de independência”. Claro como água, como dizem.

§28 Não gosto de recorrer a citações, mas neste caso, é impossível evitá-las. Vejamos agora uma citação de outro documento oficial: a Declaração Escrita dos Estados Unidos da América de 17 de abril de 2009, enviada à mesma Corte Internacional da ONU com relação às audiências em Kosovo. Mais uma vez, abre aspas: “As declarações de independência podem, e muitas vezes é isso que acontece, violar a legislação interna. No entanto, isso não faz delas violações da legislação internacional.” Fecha aspas. Eles escreveram isso, espalharam isso pelo mundo inteiro, fizeram com que todos concordassem e agora estão indignados. Com o que? As ações do povo da Crimeia estão em pleno acordo com essas instruções, como foram feitas. Por algum motivo, coisas que os albaneses de Kosovo (e nutrimos total respeito por eles) tinham permissão para fazer, os russos, ucranianos e tártaros da Crimeia não podem fazer. Mais uma vez, pergunto-me por que.

§29 Sempre ouvimos dos Estados Unidos e da Europa Ocidental que Kosovo é um caso especial. O que o torna tão especial aos olhos de nossos colegas? A conclusão é que isso se deve ao fato de o conflito em Kosovo ter resultado em tantas mortes. Esse é um argumento legal? O regulamento da Corte Internacional não menciona nada sobre isso. Não se trata nem de dois pesos e duas medidas; isso é um cinismo indescritível, primitivo e descarado. Não se deve tentar tão grosseiramente fazer com que tudo satisfaça aos seus interesses, chamando uma coisa de branco hoje e amanhã de preto. Segundo essa lógica, teríamos de assegurar que todo conflito resultasse em baixas.

§30 Afirmo categoricamente – se as unidades de autodefesa locais da Crimeia não tivessem controlado a situação, também poderia ter havido baixas. Felizmente isso não aconteceu.

§31 Não houve sequer um confronto armado na Crimeia e nenhuma morte. Por que vocês acham que isso se deu dessa forma? A resposta é simples: porque é muito difícil, praticamente impossível, lutar contra a vontade do povo. Aqui eu gostaria de agradecer ao exército ucraniano – e estamos falando de 22 mil homens totalmente armados. Gostaria de agradecer aos membros do serviço ucraniano que evitaram o derramamento de sangue e não mancharam o uniforme com sangue.

§32 Outros pensamentos me vêm à tona. Eles ficam falando de alguma intervenção russa na Crimeia, algum tipo de agressão. Isso soa estranho aos meus ouvidos. Não consigo me lembrar de um único caso na história de uma intervenção sem que pelo menos um tiro fosse disparado e sem mortes.

§33 Colegas, como um espelho, a situação na Ucrânia reflete o que está acontecendo e o que aconteceu no mundo nas últimas décadas. Após a dissolução da bipolaridade do planeta, não temos mais estabilidade. As principais instituições internacionais estão se fortalecendo; pelo contrário, em muitos casos, infelizmente estão degenerando. Nossos parceiros ocidentais, liderados pelos Estados Unidos da América, preferem não ser guiados pela legislação internacional em suas políticas práticas, mas pela lei da pistola. Passaram a acreditar em sua exclusividade e excepcionalidade, de que podem decidir o destino do mundo,

que apenas eles estão certos. Agem como bem lhes apraz: aqui e ali, usam a força contra estados soberanos, criando coalisões baseando-se no seguinte princípio: “Se você não está conosco, está contra nós”. Para legitimar essa agressão, forçam as resoluções necessárias de organizações internacionais e, se por algum motivo isso não dá certo, simplesmente ignoram o Conselho de Segurança da ONU e a ONU como um todo.

§34 Foi o que aconteceu na Iugoslávia; lembramos de 1999 muito bem. Foi difícil acreditar, mesmo vendo com meus próprios olhos, que em pleno final do século XX, uma das capitais da Europa, Belgrado, ficou sob o ataque de mísseis durante semanas e então se iniciou a intervenção real. Havia uma resolução do Conselho de Segurança da ONU sobre isso, permitindo essas ações? Nada disso. E depois, atacaram o Afeganistão, o Iraque e violaram abertamente a resolução do Conselho de Segurança da ONU na Líbia, quando em vez de impor a chamada zona de exclusão aérea na região, começaram a bombardeá-la também.

§35 Houve toda uma série de revoluções controladas por “cor”. Claramente, as pessoas nesses países, onde esses eventos aconteceram, estavam fartas de tirania e pobreza, da falta de perspectivas; mas houve quem cinicamente tirasse proveito desses sentimentos. Foram impostos padrões para esses países que de nenhuma forma correspondem ao modo de vida, às tradições ou culturas desses povos. Como resultado, em vez de democracia e liberdade, houve caos, surtos de violência e uma série de levantes. A Primavera Árabe se transformou no Inverno Árabe.

§36 Uma situação similar se desdobrou na Ucrânia. Em 2004, para aprovar o candidato necessário às eleições presidenciais, eles bolaram um tipo de terceiro round que não fora estipulado por lei. Foi absurdo e uma gozação com a constituição. E agora, subsidiaram um exército de militantes organizados e bem equipados.

§37 Entendemos o que está acontecendo; entendemos que essas ações tinham como alvo a Ucrânia e a Rússia e a integração euroasiática. E tudo isso enquanto a Rússia tentava um diálogo com nossos colegas no ocidente. Estamos continuamente propondo a cooperação em todos os assuntos-chave; queremos fortalecer nosso nível de confiança e que nossas relações sejam igualitárias, abertas e justas. Mas vemos que a recíproca não é verdadeira. Pelo contrário, mentiram para nós diversas vezes, tomaram decisões pelas nossas costas, fizeram com que aceitássemos algo que já estava decidido. Isso aconteceu com a expansão da OTAN no Oriente, assim como a preparação de infraestrutura militar em nossas fronteiras. Eles ficavam repetindo a mesma coisa: “Bem, isso não lhe diz respeito.” Isso é fácil de dizer.

§38 Aconteceu com a organização de um sistema de defesa de mísseis. Apesar do estado de apreensão, o projeto está em andamento e segue adiante. Aconteceu com a infinita procrastinação nas conversas sobre questões de visto, promessas de concorrência leal e acesso livre aos mercados globais.

§39 Hoje somos ameaçados com sanções, mas já vivenciamos muitas limitações, algumas bastante significativas para nós, nossa economia e país. Por exemplo, ainda durante a época da Guerra Fria, os EUA e posteriormente outros países restringiram uma grande lista de tecnologias e equipamentos comercializados na URSS, criando a lista de Comitê de Coordenação para os Controles Multilaterais de Exportações. Atualmente, foram oficialmente eliminados, mas apenas oficialmente; e na realidade, muitas limitações ainda estão em vigor. Em suma, tudo nos leva a deduzir que a famigerada política de contenção, realizada nos séculos XVIII, XIX e XX, continua hoje. Eles estão constantemente tentando nos arrastar para um canto porque temos uma posição independente, porque a mantemos e porque chamamos as coisas pelo nome delas e não cedemos à hipocrisia. Mas para tudo há um limite. E com a Ucrânia, nossos parceiros ocidentais passaram do limite, fazendo o papel do predador e agindo de maneira irresponsável e amadora.

§40 Afinal de contas, eles estavam totalmente cientes de que há milhões de russos vivendo na Ucrânia e na Crimeia. Eles realmente devem ter perdido o instinto político e o bom senso para não antever todas as consequências de suas ações. A Rússia se viu em uma posição da qual era impossível recuar. Se você comprime uma mola até o limite máximo, ela voltará com força na direção contrária. Lembrem-se sempre disso.

§41 Hoje é imperativo acabar com essa histeria, refutar a retórica da Guerra Fria e aceitar o fato óbvio: a Rússia é um participante independente e ativo dos assuntos internacionais; assim como outros países, possui seus próprios interesses nacionais que precisam ser levados em consideração e respeitados.

§42 Ao mesmo tempo, somos gratos a todos que entenderam as nossas ações na Crimeia; somos gratos ao povo da China, cujos líderes sempre analisaram a situação na Ucrânia e na Crimeia levando em consideração o contexto histórico e político completo e agradecemos imensamente a discrição e a objetividade da Índia.

§43 Hoje eu gostaria de me dirigir ao povo dos Estados Unidos da América, as pessoas que, desde a fundação de seu país e a adoção da Declaração de Independência, orgulham-se de manterem a liberdade acima de tudo. Não é o desejo dos habitantes da Crimeia escolherem livremente o seu destino? Por favor, compreendam-nos.

§44 Creio que os europeus, sobretudo os alemães, também me entenderão. Permitam-me lembrá-los de que durante as consultas políticas sobre a unificação das Alemanhas Oriental e Ocidental, em escopo especializado, embora de alto nível, alguns países que na época e hoje são aliados da Alemanha não apoiaram a ideia da unificação. Nosso país, porém, acertadamente apoiou o sincero e irrefreável desejo dos alemães pela unidade nacional. Tenho certeza de que não se esqueceram disso e espero que os cidadãos da Alemanha também apoiem a aspiração dos russos, da histórica Rússia, de restaurar a unidade.

§45 Quero ainda me dirigir ao povo da Ucrânia. Sinceramente quero que nos entendam: não queremos prejudicá-los de forma alguma, ou ferir seu orgulho nacional. Sempre respeitamos a integridade territorial do estado ucraniano, aliás, ao contrário daqueles que sacrificaram a unidade da Ucrânia e, favor de suas ambições políticas. Eles exibem slogans sobre a grandeza da Ucrânia, mas são eles que fizeram de tudo para dividir o país. O impasse civil fica totalmente na consciência deles. Quero que me escutem, meus caros amigos. Não acreditem naqueles que querem que temam a Rússia, alardeando que outras regiões seguirão o exemplo da Crimeia. Não queremos dividir a Ucrânia; não precisamos disso. Quanto à Crimeia, ela foi e continua sendo uma terra russa, ucraniana e tártara. Repito, assim como foi durante séculos, será o lar de todos os povos que lá viverem. O que nunca será e fará é seguir os passos de Bandera!

§46 A Crimeia é nosso legado histórico comum e um fator muito importante na estabilidade regional. E esse território estratégico deve ser parte de uma soberania forte e estável, que hoje só pode ser russa. Caso contrário, caros amigos (dirijo-me aqui à Ucrânia e à Rússia), vocês e nós – os russos e os ucranianos – poderiam perder a Crimeia completamente, e isso poderia acontecer em uma perspectiva histórica próxima. Por favor, reflitam sobre isso. Permitam-se observar também que já ouvimos declarações de Kiev dizendo que a Ucrânia em breve fará parte da OTAN. O que isso terá significado para a Crimeia e para Sevastopol no futuro? Terá significado que a marinha da OTAN estaria bem ali nessa cidade de glória militar russa, e isso criaria uma ameaça não ilusória, mas perfeitamente real para todo o sul da Rússia. Essas são coisas que poderiam ter se tornado realidade não fosse a escolha feita pelo povo da Crimeia, e quero agradecê-los por isso.

§47 Mas quero dizer também que não somos contra a cooperação com a OTAN, mas este certamente não é o caso. Para todos os processos internos dentro da organização, a OTAN continua sendo uma aliança militar, e somos contra uma aliança militar ficando à vontade bem no nosso quintal ou em nosso território histórico. Simplesmente não consigo imaginar que viajaríamos para Sevastopol para visitar os marinheiros da OTAN. Claro, a maioria são bons rapazes, mas seria melhor que eles viessem nos visitar, como nossos convidados, e não o contrário.

§48 Deixem-me ser bastante franco quando digo que sofremos ao ver o que está acontecendo na Ucrânia neste momento, ver o sofrimento da população e a sua incerteza sobre como atravessar o dia de hoje e o que os espera amanhã. Nossas preocupações são compreensíveis porque não somos simplesmente vizinhos próximos mas, como já disse tantas vezes antes, somos um povo. Kiev é a mãe das cidades russas. A Rus antiga é nossa origem comum e uma não vive sem a outra.

§49 Outra coisa. Milhões de russos e falantes de russo vivem na Ucrânia e continuarão vivendo lá. A Rússia sempre defenderá seus interesses usando meios políticos, diplomáticos e legais. Mas deve estar acima de tudo no próprio interesse da Ucrânia assegurar que os direitos e interesses desse povo sejam totalmente protegidos. Essa é a garantia de estabilidade e integridade territorial do estado ucraniano.

§50 Queremos ser amigos da Ucrânia e queremos que a Ucrânia seja um país forte, soberano e autossuficiente. Afinal, a Ucrânia é um de nossos maiores parceiros. Temos muitos projetos em parceria e acredito em seu sucesso sejam quais forem as dificuldades atuais. Acima de tudo, queremos paz e harmonia para governar na Ucrânia, e estamos prontos para trabalharmos juntos com outros países para fazer tudo que for possível para facilitar e apoiar isso. Mas como eu disse, apenas o próprio povo da Ucrânia pode arrumar a própria casa.

§51 Habitantes da Crimeia e da cidade de Sevastopol, toda a Rússia admirou a sua coragem, dignidade e valentia. Foram vocês que decidiram o futuro da Crimeia. Nunca estivemos tão próximos nesses dias, apoiando-nos mutuamente. Foram sentimentos sinceros de solidariedade. São em momentos decisivos da história como esses que um país demonstra maturidade e presença de espírito. O povo russo demonstrou essa maturidade e força por meio do apoio unido aos seus compatriotas.

§52 A posição da política estrangeira da Rússia nessa questão encontrou essa solidez na vontade de milhões de pessoas do nosso povo, nossa unidade nacional e o apoio das principais forças políticas e públicas de nosso país. Quero agradecer a todos por esse espírito patriótico, todos sem exceção. Agora precisamos continuar e manter esse nível de consolidação a fim de solucionar as tarefas que nosso país enfrentará no caminho que tem pela frente.

§53 Obviamente enfrentaremos oposições externas, mas essa é uma decisão que precisamos tomar para nós mesmos. Estamos prontos para defender consistentemente nossos interesses nacionais ou sempre cederemos, recuando para quem sabe onde? Alguns políticos ocidentais já estão nos ameaçando não só com sanções mas também com a perspectiva de problemas cada vez mais graves no fronte interno. Gostaria de saber o que exatamente eles têm em mente: a quinta coluna em ação, esse monte de “traidores nacionais” sem nexos ou será que esperam nos colocar em uma situação de degradação social e econômica a fim de causar descontentamento público? Consideramos essas declarações irresponsáveis e de tom nitidamente agressivo, e responderemos à altura. Ao mesmo tempo, jamais buscaremos confronto com nossos parceiros, sejam eles do Ocidente ou do Oriente, pelo contrário, faremos de tudo para construir relações civilizadas e de boa-vizinhança como deve ser no mundo moderno.

§54 Colegas, entendo o povo da Crimeia, que coloca a questão nos termos mais claros possíveis no referendo: a Crimeia deve ficar com a Ucrânia ou com a Rússia? Podemos seguramente afirmar que as autoridades da Crimeia e de Sevastopol, as autoridades legislativas, ao formularem a pergunta, deixaram de lado os interesses políticos e partidários e fizeram com que apenas os interesses fundamentais do povo fossem o alicerce daquela missão. As singulares circunstâncias históricas, populacionais, políticas e econômicas da Crimeia poderiam ter feito optado por qualquer outra proposta – não importa o quanto tentador possa ter sido em um primeiro momento – apenas temporária e frágil e teriam inevitavelmente levado a uma degradação ainda maior da situação por lá, o que teria gerado

efeitos desastrosos na vida das pessoas. A população da Crimeia decidiu assim colocar a questão de forma firme e desimpedida, sem pontos cegos. O referendo foi justo e transparente e o povo da Crimeia expressou a sua vontade clara e convincentemente e afirmou que querem estar com a Rússia.

§55 A Rússia agora também terá de tomar uma difícil decisão, levando em conta as diversas considerações internas e externas. O que as pessoas aqui na Rússia acham? Aqui, como em qualquer país democrático, as pessoas têm diferentes pontos de vista, mas afirmo que a maioria absoluta de nosso povo apoia abertamente o que está acontecendo.

§56 As pesquisas de opinião mais recentes realizadas aqui na Rússia mostram que 95% das pessoas acham que a Rússia deve proteger os interesses dos russos e membros de outros grupos étnicos que vivem na Crimeia – 95% de nossos cidadãos. Mais de 83% acham que a Rússia deve fazer isso, mesmo que isso complique nossas relações com alguns países. Um total de 86% do nosso povo enxerga a Crimeia como território ainda russo e parte das terras de nosso país. E um número particularmente importante, que corresponde exatamente ao resultado do referendo na Crimeia: quase 92% do nosso povo apoia a reunificação da Crimeia com a Rússia.

§57 Assim sendo, vemos que a maioria esmagadora de pessoas na Crimeia e a maioria absoluta da população da federação russa apoia a reunificação da República da Crimeia e da cidade de Sevastopol com a Rússia.

§58 Agora se trata de uma questão de decisão política da própria Rússia e qualquer decisão aqui só pode estar embasada na vontade do povo, porque do povo emana a autoridade. Membros do Conselho Federal, representantes da Duma Estatal, cidadãos da Rússia, habitantes da Crimeia e de Sevastopol, hoje, de acordo com a vontade do povo, envio à Assembleia Federal uma solicitação para que considerem uma Lei Constitucional para a criação de duas novas entidades constituintes na federação russa: a República da Crimeia e a cidade de Sevastopol, e ratificação do tratado sobre a admissão à federação russa da Crimeia e de Sevastopol, que está pronta para assinar. Certo de vosso apoio."